

Universidade Brasília - UNB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literárias e Literatura - TEL
Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa

Cássia Almeida Dourado

DEMIAN, O CAIM DO SÉCULO XX

Brasília

2019

Cássia Almeida Dourado

DEMIAN, O CAIM DO SÉCULO XX

Monografia entregue ao Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura. Orientadora: Profa. Dra. Luciana Barreto Machado Rezende.

Brasília

2019

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, pois sem Ele jamais chegaria onde estou.

Agradeço a meus pais e ao meu irmão por me apoiarem e me incentivarem no meu caminho universitário.

Meus mais sinceros agradecimentos a Jussara Silva Meireles, Ian Lezan Salvador, Alex de Oliveira e Moisés Henrique por compartilharem esses momentos preciosos da minha vida, em especial a Bruna Santos por sete anos de amizade e por me presentear com o meu primeiro exemplar de *Demian*.

À minha orientadora Luciana Barreto estendo o meu agradecimento por sua confiança, correções, cuidado e paciência.

À coordenadora de bacharel, orientadora de residência pedagógica e professora de muitas matérias, as quais tive o prazer de cursar, Adriana de Fátima Barbosa Araújo, a minha eterna gratidão.

Meus agradecimentos finais ao grupo de KPOP, BTS, pois a partir dele conheci o escritor Hermann Hesse e a obra que me permitiu escrever esta monografia.

“Mesmo que você viva por um dia. Faça alguma coisa. Deixe sua fraqueza de lado.”

Trecho de “No More Dream” canção do grupo coreano de KPOP, BTS.

RESUMO

Hermann Hesse lança uma de suas obras mais conhecidas durante uma das fases mais complexas e decadentes de sua vida. *Demian* ultrapassa os limites de categorização, podendo ser analisado por diversos vieses e correntes literárias.

Composto no período do pós-guerra, a obra reflete o sentimento de toda uma nação. Em sua composição, Hesse utiliza-se das correntes filosóficas, teóricas, psicológicas que surgiam, contando com uma vasta gama de inferências religiosas das mais diversas naturezas, além de beber nos cânones literários dos quais se destaca uma narrativa que percorre toda a obra e se torna um de seus eixos dorsais, o mito de Caim.

A imagem de Caim ganha uma nova significação nas mãos de Hermann Hesse. A figura degradada e amaldiçoada agora se torna um ser corajoso e superior. Este trabalho em uma perspectiva primária busca compreender esse eixo norteador da obra partindo das possíveis raízes da narrativa de Caim até o enredo, a que temos acesso contemporaneamente. Em segundo plano, busco analisar as personagens e a maneira como o autor as constrói na narrativa, aliando as análises com a perspectiva histórica do período em que se publica *Demian*.

Palavras-chave: Caim, Ave, Ovo, Sinal, Demian.

SUMÁRIO

1. Introdução	05-06
2. Demian e a Primeira Guerra Mundial	06-08
3. Mapeamento da obra	08
3.1 PRÓLOGO	08-10
3.2 PRIMEIRO: Dois mundos	10- 12
3.3 SEGUNDO: O sinal de Caim	12-13
3.4 TERCEIRO: O mau ladrão	13-15
3.5 QUARTO: Beatrice	15-18
3.6 QUINTO: A ave sai do ovo	18-22
3.7 SEXTO: A luta de Jacó	22-25
3.8 SÉTIMO: Eva	25-30
3.9 OITAVO: O princípio do fim	30-34
4. As pulsões de Caim	34-36
5. A figura de Caim de suas possíveis origens as mãos de Hermann Hesse	37-43
6. Personagens	44-51
7. Considerações Finais	51-53
8. Referências bibliográficas	53-55
9. Anexos	55-61

DEMIAN, O CAIM DO SÉCULO XX

1.Introdução

Sabidamente, a Bíblia Sagrada figura como um dos mais importantes livros da história. Como anota George Steiner, são “os murmúrios dessa fonte distante” (STEINER, 2001, p. 51) que legam as ressonâncias que atravessam todo o imaginário ocidental e oriental. Sua origem remonta ao livro sagrado da tradição judaica, a Torah.

São vinte e quatro os livros que compõem a Torah, sendo os cinco primeiros denominados Pentateuco, comuns entre as culturas hebraica e a cristã. O Pentateuco é constituído por Gênesis, Êxodo, Levíticos, Números e Deuteronômio. Segundo algumas tradições religiosas, teria sido escrito por Moisés sob inspiração divina. No entanto, para alguns estudiosos, representa mais uma “colcha de retalhos”, e a sua composição trespassa séculos, além de terem sido escritos e reescritos por diversos autores na região da atual Palestina. Também se acredita que o Pentateuco, em especial o livro de Gênesis, teve forte influência de mitos de culturas sumérias, babilônicas, entre outras.

Neste trabalho, convém-nos a narrativa de Gênesis, especificamente o capítulo quatro, o qual relata a história do nascimento de Abel, Caim e Sete, compreendendo o primeiro homicídio e a genealogia de Caim.

O mito de Caim atravessa milênios, ecoando de distintas maneiras pelo imaginário do ser humano, sendo assimilado e transfigurado nas mais variadas culturas. Nesse sentido, a literatura se vale ativamente dessa história original.

A chamada cultura pop não fica atrás, a exemplo de séries contemporâneas, como *Lúcifer*, *Supernatural*, e até mesmo em RPGs como *Vampiro: A máscara*, videogames do nível de *Assassin's Creed*, Caim marca a sua presença. Alguns Cains (ou portadores de sua marca) literários famosos na modernidade que merecem ser mencionados são: *Os Instrumentos Mortais* de Cassandra Clare, *Diário de um Psicopata* de Rangel Oblivion, a série de livros *Sadman* escrita por Neil Gaiman, *Caim*, de José Saramago, e o alvo de nosso estudo: *Demian*, de Hermann Hesse.

Hermann Hesse (1877 - 1962) é considerado uma personalidade ímpar da literatura alemã, reconhecido por seu conjunto de obras, dentre as principais se encontram *O Lobo da Estepe* e *O jogo das contas de Vidro*. Sua vasta produção lhe proporcionou, inclusive, ser laureado com o Nobel de Literatura de 1946.

As obras de Hesse sempre foram notadamente marcadas desde o princípio da Primeira Guerra Mundial por um tom crítico e denunciatório acerca do nacionalismo e militarismo alemães. Outro interessante fator sobre suas atividades foi o alto engajamento em diversos projetos humanitários, como a formação de um grupo de indivíduos comprometidos com o despacho de obras para campos de concentração.

Em 1919, o autor publica *Demian*, uma produção composta diante de um estado de profunda depressão psicológica. Influenciado pelo discípulo de Jung, Josef Bernhard Lang, Hesse descreve tal experiência como a busca pela autorrealização e autoconhecimento.

O romance configura a história do jovem Emil Sinclair, que, ao conhecer Max Demian durante a infância, vê-se em um mundo novo completamente diferente daquele pregado por seus pais. A relação entre os dois, como o título sugere, atravessa toda a narrativa.

Sinclair em sua procura incessante, rodeada por dicotomias, flagra-se obrigado a questionar os seus próprios princípios e convicções com a finalidade de encontrar sua personalidade, bem como o seu distintivo pessoal, isto é, a marca de Caim. A marca de Caim até hoje é um grande mistério para a humanidade - para alguns religiosos foi um castigo dado por Deus para punir Caim por assassinar Abel; para outros, uma dádiva que permitiu a Caim viver sem o mesmo destino de seu irmão. Além disso, não sabemos se tal marca de fato foi física ou não, e, ao longo da narrativa, Hesse joga com as dúvidas em torno do mito que envolve esse estigma .

Abordamos a obra *Demian* desde as suas características narrativas, a simbologia que a permeia, principalmente na vertente de Caim, sem nos esquecermos de conjugar a obra ao contexto do autor e vinculá-la ao período histórico no qual foi composta.

2. *Demian* e a Primeira Guerra Mundial

Dramático conflito ocorrido entre 1914 e 1918, a Primeira Guerra Mundial deixou milhões de mortos, aturdindo a humanidade com o horror das trincheiras e execuções.

As causas do embate são complexas, pois envolvem disputas imperialistas, corridas armamentistas, tensões nacionalistas, alianças militares, entre outros motivos catalisadores.

A Alemanha, que tinha efetivo interesse na expansão territorial, começou a incomodar a França, posicionando-se fortemente contrária aos desejos franceses.

A tríplice entente formada pela Rússia, Grã-Bretanha e França vence a tríplice aliança constituída pela Alemanha, Áustria-Hungria, Império Otomano e Itália. Em 1915, a Itália se associa à entente, assim como o Japão, Brasil, Estados Unidos, Canadá e Grécia do outro lado também tiveram adições, como a Bulgária e os Estados clientes. O território mais afetado pela guerra foi o território europeu, a Alemanha sofreu coação não só da frente oriental, mas também da ocidental, prejudicando-se após o término do conflito, sendo, portanto, obrigada a assinar o tratado de Versalhes no qual perdia todas as suas colônias ultramarítimas e ainda tendo de pagar multas absurdamente altas, além de um exército restrito, o que acabou ocasionando uma crise econômica sem precedentes. Em meio a essa derrota e à perda econômica, populacional e territorial, a Alemanha se encontrou em um estado de crise fatalista e decadentista.

Publicado em 1919, ano subsequente ao fim da Primeira Guerra Mundial, a história de *Demian* começa no período pré-guerra e termina durante o seu desenrolar. Ao decorrer do livro, é possível encontrar diversos pontos que trazem ao leitor uma suspeita do que pode estar por vir.

Por exemplo, Hesse, no capítulo final, sugestivamente intitulado ‘O princípio do fim’, concebe a guerra como o estímulo que reuniria as forças motrizes que conduziram a Europa em direção a uma visão inédita de mundo e como resultado de uma nova realidade. Em outras palavras, o elemento que acarretou a “quebra da casca do ovo”¹.

Elucida-se que o autor, em momento algum, apresenta-se como um defensor da guerra. Todavia, sua visão é questionável, pois beira à irrealidade, sobressaindo-se distante do mundo concreto.

¹ A quebra da casca do ovo em *Demian* simboliza o renascimento o rompimento com tradições e costumes obsoletos e passados.

Em *Demian*, Hesse vislumbra a guerra de maneira mística, semi-transcendental, reduzindo-a a um rito de passagem da humanidade, ao ignorar os reais motivos por trás dela e colocá-la como um marco divisor terrível, mas, de alguma maneira, destinada a acontecer.

Nesse sentido, a guerra foi um rito de passagem doloroso para o jovem Sinclair, assim como para a Europa do século XX. Hermann Hesse não adentra perspectivas políticas, econômicas, tampouco materiais. Ao invés disso, desenvolve singular compreensão acerca do conflito, considerando a força do episódio e as bagagens, tanto pela dinâmica dramática quanto pela emocional que são desveladas diante do que se sucedeu, além do cenário favorável a uma modificação no sentido essencialmente existencial e cognitivo. A guerra seria o alerta para que a raça humana pudesse se tornar melhor, quebrando com as tradições passadas que encaminharam a Primeira Guerra Mundial. Assim, o olhar hessiano fatalista é um reflexo do que viviam as pessoas naquele período.

Recordemos que, apesar da história transitar em momentos pré-guerra, a obra foi escrita quando os corpos e as ruínas ainda abarrotavam as cidades da Europa. Desse modo, podemos, então, interpretar a visão de guerra de *Demian* como reprobatória, mas necessária para o renascimento de uma sociedade ocidental.

A Guerra atormentou as gerações subsequentes a ela, pois rompeu o mundo psicológica e territorialmente, em especial a Alemanha. Hesse manifesta-se esperançoso com o novo mundo que surgiria, todavia, nessa época, não se tinha conhecimento que viria a ser depauperado mais uma vez na segunda guerra Mundial

Por meio do personagem Sinclair, portanto, Hermann Hesse configura em *Demian* uma narrativa que busca o descobrimento de si mesmo através da rebelião das convenções morais e familiares, e, para isso, recorre à figura bíblica de Caim, conforme a nossa leitura.

3. Mapeamento da obra

3.1 Prólogo

O prólogo cumpre o propósito de introduzir um texto, e, no romance de Hesse, não se prende apenas ao objetivo de localizar o leitor no texto, mas também o de fornecer detalhes sobre a composição da obra, bem como aspectos psicológicos e a visão de mundo do narrador-personagem.

Nesse sentido, as duas páginas do prólogo já nos sinalizam o que podemos esperar do romance, além do que pensamos em termos de categorias de classificação para o livro. Assim, é possível lermos *Demian*, publicado em 1919, como uma narrativa memorialista, já que o narrador afirma que “para relatar a história de minha vida, devo recuar alguns anos” (HESSE, 1999, p.9). De fato, o livro se constitui como uma colcha de retalhos de memórias selecionadas e expostas linear e temporalmente – daí também assumir o caráter de romance autobiográfico.

Minha história é, no entanto, para mim, mais importante do que a de qualquer outro autor, pois é a minha própria história, e a história de um homem — não a de um personagem inventado, possível ou inexistente em qualquer outra forma, mas a de um homem real, único e vivo. (HESSE, 2017, p. 9)

Apesar de dispormos da prerrogativa de proceder a análises separadas, a narrativa memorialista com caráter autobiográfico conduz *Demian* a uma terceira categoria: o *Bildungsroman* (romance de formação). Romance de desenvolvimento, ou *Bildungsroman*, tem sido a tipologia mais aceita quanto à classificação da obra de Hermann Hesse, por narrar explicitamente a formação de caráter e o desenvolvimento psicológico da infância à juventude do jovem Sinclair. O subtítulo do romance “A história da juventude de Emil Sinclair” e a fala do narrador no prólogo constituem pistas suficientes para essa prévia divisão.

A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, o seguir de um simples rastro. (HESSE, 2017, p.10).

Atestamos que o caráter de narrativa apocalíptica está presente nas entrelinhas do livro, embora se revele de forma mais contundente nos dois capítulos finais:

Todos temos origens comuns: as mães; todos proviemos do mesmo abismo, mas cada um — resultado de uma tentativa ou de um impulso inicial — tende a seu próprio fim. (HESSE, 2017, p.11).

O relato autobiográfico naturalmente vem entrelaçado à memória, pois, em primeiro lugar, relata-se a própria vida, desde o nascimento até o momento em que se propôs a contar sobre si mesmo e sua experiência; por fim, há ainda as narrativas históricas que conheceu ou presenciou, com ou sem a sua participação direta. A memória, no entanto, proporciona-nos um problema considerável: a desconfiança do narrador. Os fatos efetivamente ocorreram como o personagem descreve?

Entretanto, é difícil desconfiarmos do narrador em *Demian*, pelo fato de ele mostrar uma ingenuidade tão forte, além de seus relatos de vida serem de fácil identificação pessoal, os quais convencem em suas ideias e suposta veracidade dos relatos sobre si mesmo e as demais personagens.

3.2 PRIMEIRO: Dois mundos

O primeiro capítulo nos apresenta o jovem Emil Sinclair em seus singelos dez anos, porém já consciente da existência de duas realidades opostas, a partir das quais podemos perceber o teor biográfico do próprio escritor. Comparemos um trecho escrito por Hermann Hesse e o “escrito” pelo jovem Sinclair:

Por outro lado, tomei conhecimento do cristianismo numa forma única, rígida e incisiva na minha vida, numa forma fraca e efêmera, hoje já ultrapassada e quase desaparecida. (HESSE, 1971, P.51)²

Nesse mundo havia linhas retas e caminhos que conduziam diretamente ao porvir; havia o dever e a culpa, o remorso e a confissão, o perdão e as boas intenções, o amor e a veneração, os versículos da Bíblia e a sabedoria. (HESSE, 2017, p. 14)

A crítica à religião reverbera por toda a narrativa. A presença de um mundo desconhecido o torna desejável e sedutor, a contemplação da realidade se imprime na “perfeição” do lar paterno cristão tedioso.

Chegou a haver temporadas inteiras em que eu preferia viver naquele mundo proibido, e o retorno à claridade, ainda que necessário e conveniente, chegava a ser para mim quase que um retorno a algo menos belo, mais vazio e aborrecido. (HESSE, 2017, p.15)

² P.51. Trecho retirado de “Minha fé”, texto escrito por Hermann Hesse em 1932 e publicado em um livro homônimo. Publicado pela editora RECORD em 1971.

A única meta de vida que reconhecia era a de se tornar igual a seus pais, embora reconhecesse que o caminho era difícil, sendo fácil se transviar para uma via obscura. Também a educação alemã consistia em preceitos cristãos, as duas grandes vertentes eram o protestantismo e o catolicismo que pregavam doutrinas dissociadas da realidade social europeia. Seus amigos integravam ainda esse cotidiano permitido. As dualidades do mundo luminoso e do mundo sombrio se expandem além do doméstico e entram na realidade educacional entre a escola particular da classe média alta burguesa cristã e a escola pública, na qual era possível encontrar alunos grosseiros do estilo da família Kromer.

Eu me sentia isolado e percebia que minhas roupas e maneiras os predispunham contra mim. Filho de família burguesa e aluno de colégio particular, não podia esperar que Franz Kromer me olhasse com simpatia. (HESSE, 2017, p.18)

Pela mitologia bíblica, Deus não queria que Adão e Eva conhecessem o segredo divino, a verdade sobre a vida, o conhecimento do mal e do bem, a avareza, a riqueza, a vergonha, a liberdade, a informação, o sexo, o medo, a beleza, o materialismo, entre outros. Somente Deus tinha acesso à verdade. Quando Adão e Eva morderam a maçã, o conhecimento do pecado foi a eles revelados. O papel de Deus é exercido em *Demian* pelos pais do jovem Sinclair e, no início do século XX, pela sociedade burguesa cristã da Alemanha. A maçã mordida representa a libertação da pureza, a busca do conhecimento de Deus e de nós mesmos, o nosso "eu superior". Sinclair diz roubar maçãs, e essas maçãs assim o levaram à expulsão do paraíso.

A classe burguesa de Sinclair pertencia ao mundo luminoso, e o extrato trabalhador da empregada e da família de Kromer integrava a realidade obscura. A atração por esse universo, bem como o desejo de aprovação, fez o jovem cair no abismo. O narrador descreve, com riqueza de detalhes, suas aflições e desilusões com o mundo a ele dito perfeito. Assim, acaba por descobrir a imperfeição de seu pai.

Foi a primeira falha que percebi na perfeição de meu pai, a primeira rachadura nos fundamentos sobre os quais descansará a minha infância e que o homem tem que destruir para poder chegar a si mesmo. (HESSE, 2017, p.26)

Ironicamente é a figura paterna que tanto o ensinara a seguir os “bons” caminhos que apresenta a primeira brecha para a imersão definitiva no mundo sombrio. A ameaça de Kromer e a mentira de Sinclair, de fato, levaram-nos ao mundo proibido, mas foi a insatisfação com os ensinamentos paternos que o conduziram, de vez, a abandonar a luz.

Dualidades. A partir dessa palavra, é possível ilustrar e compreender o capítulo. O sombrio e o luminoso são usados como crítica direta à religião, ao burguês e ao proletário, ao público e ao particular, à perfeição e à imperfeição, os duplos que jamais se fundem na mentalidade infantil de Emil Sinclair.

3.3 SEGUNDO: O sinal de Caim

Na obra, a maçã confere significação a uma nova figura: o estigma de Caim. A “marca de Caim”³ passa a construir parte da coluna dorsal de todo o livro, apresentando-nos também aquele que nomeia a narrativa, o personagem Max Demian.

Cabe lembrar que Max deriva do latim *maximus*, que quer dizer “mais alto”. Max é mais velho, inteligente e questionador do que o protagonista, o que acaba o credenciado como guia de Sinclair. Já Demian é admirado a ponto de ser alçado a um pedestal de perfeição por parte de Emil Sinclair, que se sentia atraído por seu diferencial.

Demian é o primeiro a questionar as verdades bíblicas, até agora incontestáveis, mostrando o outro lado de uma das narrativas cristãs mais conhecidas: Abel e Caim.

Mas, naturalmente, o sinal que aquele homem trazia na face não era material, não era, por exemplo, como o de um carimbo dos correios; as coisas não costumavam acontecer, na vida, de maneira tão rudimentar. Tratava-se possivelmente de algo talvez sinistro, apenas perceptível, digamos um pouco mais de vivacidade e de audácia no olhar. (HESSE, 2017, p.39).

Demian justifica seu ponto de vista questionando a interpretação da história, o sinal poderia ter sido interpretado da maneira que mais convém aos que a leem. A interpretação de Max, entretanto, leva-o para a compreensão do sinal como atributo comportamental e não físico, como geralmente é lido. Ao questionar a versão de uma

³ Apesar de apresentar pontos em comuns com outras narrativas hesseanas, a marca distintiva de Caim assume uma simbologia única em *Demian*.

única história bíblica e ressignificá-la, Demian abre espaço para refutar diversas outras. Max traz a marca como comportamental, o que em muito difere da vertente que a tem como sinal físico.

O Caim bíblico era visto como mau, e por sua maldade foi castigado. Já o Caim hesseano é tido como um “bom sujeito”, o qual, por sua coragem, foi recompensado, já que o sinal se torna bênção no lugar da maldição. Demian era uma espécie de Caim, na visão de Sinclair; e, no ponto de vista de Demian, Sinclair também tem potencial para sê-lo.

Os covardes têm sempre medo, mas não creio que sejas o que se chama um covarde, não é mesmo? Como também não creio que sejas nenhum herói, naturalmente. (HESSE, 2017 , p.47)

A argumentação de Demian foi tão impactante na vida de Sinclair que jamais pode ser esquecida. Demian era um sábio, um feiticeiro capaz de ler mentes, constituindo-se um objetivo de vida a se atingir, diferentemente dos pais de Emil.

Existem, pois, coisas e pessoas a quem tens medo. Por que será isso? De um modo geral, não se deve temer a ninguém. Quando temos medo a alguém é porque demos a esse alguém algum poder sobre nós. (HESSE, 2017, p.49).

Demian acaba por assumir o papel de salvador que dá as rédeas da vida de Sinclair a ele próprio, tirando-os das mãos da serpente (Kromer) e lhe ensinando que o medo é um reflexo de nossas próprias ações, transformando-o, assim, em uma espécie de filho pródigo. Emil até tenta retornar ao lar luminoso, questionando, inclusive, o pai sobre a narrativa de Caim, que o “exorta” a se distanciar dessas heresias.

É notável a escolha simbólica por parte de Hermann Hesse, afinal a marca de Caim é distintiva, ao condizer com tudo que se esperava. As ideias de Nietzsche acerca do “rebanho” se faziam fortes na Europa no final do século XIX e início do século XX. A partir dessa visão, fazia-se necessário se afastar do rebanho, e a simbologia de Caim, o errante, o exilado, ajusta-se como uma luva aos ideais também aceitos pelo escritor.

3.4 TERCEIRO: O mau ladrão

Ao alcançar uma fase de transição da infância para a adolescência, Sinclair novamente enfrenta outro desafio, o qual o aproxima do mundo sombrio: o despertar da sexualidade, assunto ignorado pelos pais.

Apesar de ter afastado-se de Demian, a admiração de Sinclair por ele era notável, e, em alguns trechos, a sua descrição pode ser tão intensa, que passível de conotação sexual.

Era como se nele houvesse também algo de um rosto de mulher, e além disso, por um momento, aquele rosto não me pareceu mais nem infantil nem viril, maduro ou jovem, mas de certa maneira milenário; de certo modo, alheio ao tempo, selado por idades diversas da que nós vivemos.[...] Tampouco soube a que ponto a figura de Demian me atraía ou me repelia. Só vi que era distinta da nossa, que era como um animal, como um espírito ou como uma gravura; mas o certo é que era diversa, infelizmente diversa da de todos nós. (HESSE, 2017, p.63).

Demian mudou de lugar na classe de Religião e veio sentar-se à minha frente (ainda me recordo o quanto me era agradável aspirar, em meio à miserável atmosfera de indigência da classe repleta, o fresco perfume de sabonete que se lhe exalava da nuca!). (HESSE, 2017, p.65)

Em uma nova discussão, Demian, mais uma vez, atíça o senso crítico de Sinclair, afirmando ser necessário sempre duvidar e a tudo questionar.

O olhar é mostrado por Max como fonte de realização de vontades e desejos, o que nos revela a capacidade de ele interpretar sinais do consciente e do inconsciente. A única figura, porém, que Demian não era capaz de vencer era Eva, a sua mãe.

Como a fé de Emil começa a fraquejar, acaba por se render aos ensinamentos de Demian que o acostumara a interpretar, de maneira criativa, os dogmas religiosos até se depararem em um relato sagrado e aparentemente incontestável: a crucificação. Max novamente quebra as crenças de Emil e sugere a contemplação da dualidade bem e mal, Deus e demônio. Na fala de Demian, Sinclair reconhece, portanto, os seus dois mundos.

O mau ladrão, assim, seria um descendente de Caim por não ser hipócrita em negar os seus feitos ruins, ao contrário do bom ladrão, que, covardemente, abandonou quem lhe ajudava, ou seja, o Diabo. A história de arrependimento passa a ser reinterpretada como uma passagem sobre coragem e covardia.

Nessa perspectiva, uma analogia da figura do ladrão à figura de Caim pode ser identificada, o mau teria desafiado Jesus a salvar a si mesmo enquanto o bom pediu

perdão por seus pecados, ao passo que Caim questionou a Deus e não pediu absolvição pelo assassinato de seu irmão Abel.

Ao pensarmos na história da humanidade desde os primórdios podemos perceber que existe um limite convencional sobre o proibido e o aceitável - no Brasil, por exemplo, o casamento infantil é inadmissível. No entanto, em algumas culturas é permitido. Demian eleva isso a um outro nível, o permitido e o proibido têm de ser encontrados por cada um.

Afirmar que o proibido e o permitido ditados pelas convenções sociais são leis absolutas ia contra a ideia do *eu* de Demian. Afastar-se de si próprio para Max seria um sacrilégio, o que, de fato, levou-o à necessidade de se encerrar em si mesmo – daí uma nova figura simbólica: a tartaruga. Em consequência da vida longa, a tartaruga é vista como um animal sábio pelos humanos. Nesse sentido, devemos prestar atenção e seguir nossos caminhos mais despreocupadamente, em paz conosco e com os outros. A tartaruga também é um animal a enfrentar diversas barreiras, constituindo, mais uma vez, uma analogia poderosa para a humanidade, já que, por vezes, devemos adaptar o nosso comportamento face ao que chega até nós. A tartaruga se adapta, mas nunca se perde a si própria.

A exemplo do *modus vivendi* da tartaruga, a solidão é a abertura para a entrada do conhecimento, quer seja ele bom ou mau na vida do adolescente Sinclair. Essa fase de vida abordada no capítulo retrata o despertar do senso crítico, independentemente do protagonista e seu encaminhamento para o rompimento definitivo com os preceitos religiosos.

3.5 QUARTO: Beatrice

Incertezas rodeavam os pensamentos do jovem Sinclair sobre o seu próprio destino, mas, apesar das tentativas, tudo o encaminhava para o lado sombrio.

A última tentativa para ser feliz à sombra do lar paterno havia durado muito tempo, e vez por outra pareceu-me que iria ter êxito; mas, por fim, veio a fracassar lamentavelmente. (HESSE, 2017, p.81)

O lar paterno já havia tornado-se uma sombra, contradizendo, assim, à sua idealização de luz, pois Emil não encontra dificuldades em abandonar o lar e se sente culpado por não ser capaz sequer de chorar a dor que não sentia da separação. De quem sente saudades constantes, porém, é de seu velho amigo Demian e não de sua família. Demian o tirou da zona de conforto e mostrou ao protagonista que a vida constituída como ideal era efêmera e alienada.

Às vezes me invadia uma profunda saudade de Demian, mas em outras o odiava e o culpava pelo empobrecimento de minha vida, que sobre mim pesava como uma enfermeira repulsiva. (HESSE, 2017 p.82)

Ao conhecer Afonso Beck, a fase rebelde e decadente de Sinclair oficialmente se principia. Começa a beber, e o seu desejo de aceitação pelo outro, como já visto anteriormente no episódio com Kromer, é satisfeito. O tabu da sexualidade, enfim, podia ser discutido, as experiências de Beck o fascinavam e o sentimento de que tudo o que fazia pertencia ao mais proibido conferia a Emil um deleite pelo sentimento de rebeldia. Depois de sua primeira embriaguês, para se ser mais exato, após a sua ressaca, o protagonista toma consciência da própria decadência na qual se encontrava:

No fundo eu era assim! Eu, que caminhava pelo mundo, insulado em meu desprezo! Eu, que sentia o orgulho da inteligência e compartilhava dos pensamentos de Demian! Isso é que eu era: lixo, escória, bêbedo e mesquinho, repugnante e grosseiro, uma besta selvagem dominada por instintos asquerosos. Eu, que vinha daqueles jardins onde tudo era pureza, esplendor e suave encantamento! Eu, que havia amado a música de Bach e as belas poesias! Penetrado de asco e de indignação, ouvia ainda o meu próprio riso, um riso ébrio, desenfreado, que fluía aos borbotões, estúpido. Aquilo era eu! (HESSE, 2017, p.87).

Emil acaba por perceber a sua pequenez e ego ao se comparar a Demian. Para Nietzsche, os alemães atrapalhavam o caminho grandioso da civilização europeia e sempre maculavam o que se fazia de bom no mundo. Assim igualmente pensava o jovem Sinclair. Apesar de conhecedor de sua realidade, Sinclair sentia prazer nos tormentos que passava. A sociedade alemã, a despeito de todos os problemas, bem como o exacerbado servilismo, também parecia sentir prazer em preservar costumes já ultrapassados para a Europa.

De tão consciente de seu estado decadente, Sinclair desenvolveu a capacidade de se autocriticar. Apesar da vida libertina, ansiava pelo amor e tinha desejo de se

aproximar dos demais, embora os “bons” o evitassem. Depois de algum tempo, em uma determinada praça, acaba por encontrar a sua musa.

Era alta e esbelta, vestia-se com elegância e tinha feições de menino, inteligentemente expressivas. Fiquei imediatamente encantado por ela. Pertencia ao tipo de mulher que mais me agradava e passou a ocupar um lugar de destaque em minha imaginação. Pouco mais velha do que eu, parecia mais cheia, mais definida e mais elegantemente acabada, já quase uma mulher, embora em seu rosto resplandecesse uma plenitude de vida juvenil que me cativava [...] Mas a impressão foi mais profunda que das outras vezes e o encantamento exerceu sobre mim a mais poderosa das influências. Diante de mim se erguia novamente uma imagem querida e venerada. Nenhum impulso, nenhuma necessidade pulsava tão profunda e violentamente em meu ser como a ânsia de adoração e de entrega! Dei-lhe o nome de Beatrice, que eu conhecia, não através de Dante, que ainda não lera, mas de uma gravura inglesa, cuja reprodução possuía: era uma bela figura adolescente de ilustração pré-rafaelista, de longos membros afilados, cabeça fina e de mãos e feições espirituais. A bela jovem de meu encontro não era de todo igual à da gravura, mas possuía também aquela forma um tanto masculina que tanto me atraía e um quê da pura espiritualidade daquele rosto. (HESSE, 2017, p. 92-93)

Interessante notarmos que, anteriormente, o personagem já havia demonstrado interesse por traços andróginos, inclusive enxergando em Demian, em alguns momentos, caracteres femininos. Já Beatrice, por sua vez, apresenta atributos másculos.



4

A sexualidade, sob cujo império sofria e da qual fugia com infinito esforço, deveria purificar-se nesse fogo e converter-se em devoção e espírito. (HESSE, 2017, p. 95)

Foi Beatrice que, mesmo sem trocar uma palavra com Sinclair, concede-lhe o poder de restaurar o poder de si próprio. O amor por Beatrice era puro e platônico, o que faz dela figura de veneração. Emil a adorava de tal forma que chegou a pintar um retrato

⁴ A referência bibliográfica desta imagem encontra-se na seção ‘ANEXOS’ deste ensaio.

dela, embora tenha percebido que não era exatamente ela, dadas as diferenças do cabelo, do queixo, da boca, embora o misto de masculino e feminino o prendesse ao quadro. Depois de muito admirar a tela, o protagonista identifica o rosto que havia pintado: nada menos do que Demian. A presença de Max supera o consciente e chega ao inconsciente de Sinclair, demarcando, assim, a falta de Demian. Em *flashback*, um diálogo de ambos é lembrado. Demian critica o estado melancólico de Sinclair e mostra que a sua derrocada não era das mais dignas.

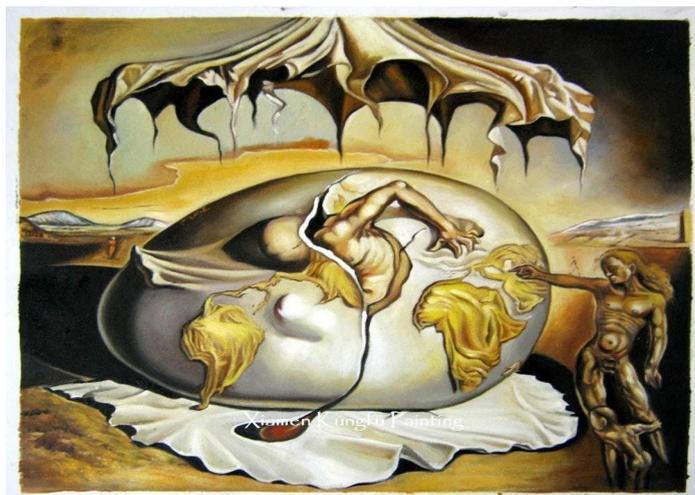
Mas acho que as pessoas que vivem todo o dia nas tabernas já perderam por completo essa exaltação. Tudo se transforma num hábito e, a meu ver, dos menos requintados. Uma noite de verdadeira embriaguez e orgia, á luz dos archotes, isso sim!... Mas passar a vida sentado diante de uma mesa, tragando copo após copo, que pode haver nisso? Podes imaginar Fausto por acaso sentado noites e noites em tertúlias de café? (HESSE, 2017, p.100)

Em um determinado momento, a figura de Fausto é evocada por Demian e desdenhada por Sinclair, o qual, depois de muito tempo, percebe que as palavras ditas por Max correspondiam, de fato, ao que lhe acontecera. Não à toa, a figura da ave aparece em seus sonhos.

Por fim, obrigou-me a comê-lo e senti de súbito, com indizível espanto, que o pássaro heráldico adquirira vida em meu interior e começava a devorar-me as entranhas. Presa de mortal angústia, despertei. (HESSE, 2017, p.102)

É possível associar a figura do pássaro comendo as entranhas a Prometeu, que concedeu ao ser humano o poder de pensar e raciocinar, bem como lhes transmitiu os mais variados ofícios e aptidões, mas, no entanto, foi castigado por Zeus e condenado a ser bicado por uma águia, que, diariamente, destruiria seu fígado. Demian mostra o conhecimento, revela o novo, tudo que Sinclair com ele aprendeu agora se emaranhava no mais íntimo do seu ser.

3.6 QUINTO: a ave sai do ovo



Se a imagem de Salvador Dalí denominada “Criança geopolítica observando o nascimento do novo homem”, de 1943, não tivesse sido pintada quase duas décadas após a publicação de *Demian*, poderíamos pensar que Hesse havia tirado a sua inspiração de lá. No entanto a obra de Dalí faz referência ao contexto de instabilidades sociais, econômicas e políticas derivadas da Segunda Guerra Mundial. O quadro mostra um homem saindo de um ovo - notória referência ao planeta Terra - sendo assistido por uma criança agarrada às pernas de uma figura com traços andróginos.

Depois de muito sonhar com uma ave, Sinclair misteriosamente recebe um bilhete:

A ave sai do ovo. O ovo é o mundo. Quem beatus quiser nascer tem que destruir um mundo. A ave voa para Deus. E o deus se chama Abraxas.
(HESSE, 2017, p.106)

Era a resposta de *Demian* à sua pintura. Abraxas é a resposta que Sinclair buscava sem saber, ou seja, a junção de dois extremos que o atormentavam desde a sua infância.

A figura de Abraxas é o contrário de tudo que a humanidade pré-guerra estava acostumada, afinal sempre houve e ainda há o bom e o mau, o verdadeiro e o falso, o bem e o mal, além de o certo e o errado. Os bárbaros antigos estavam para os romanos tão errados quanto os muçulmanos medievais para os cristãos da cruzada, ou os judeus,

⁵ A referência bibliográfica desta imagem encontra-se na seção ‘ANEXOS’ deste ensaio.

poloneses, franceses, entre outros, para os alemães, que, evidentemente, em sua concepção, estavam certos.

O destino mais uma vez encarrega-se de sanar as demandas do jovem quando, em uma aula, ao desejar saber sobre Abraxas, o professor instantaneamente começa a falar sobre o tema. Abraxas surgiu como a união do sagrado e do demoníaco, assunto que nos remete ao capítulo bíblico do mau ladrão. Os sonhos continuam e a constante aparição da figura de Demian trazem angústia a Emil. Sem nem ao menos conhecer a figura feminina que transitava em seus sonhos, Sinclair já lhe rendia adoração, mas, diferentemente de Beatrice, o seu amor pela mulher de traços andróginas, antevisto em seus sonhos, era carnal.

Chamava-a de mãe e me ajoelhava a seus pés; chamava-a amor e prelibava seu beijo maduro e saciante; chamava-a demônio e prostituta, vampiro e assassino. Inspirava-me ternos sonhos de amor e devassidões obscenas; para ela nada era bom ou precioso demais nem demasiadamente mau e baixo. [...] com aquela imagem de meus sonhos que era minha amada e meu destino. (HESSE,2017, p. 111)

Tudo o encaminhava a Abraxas. O suposto “acaso” o faz encontrar-se com Pistórius, um tocador de órgão, que se torna seu novo mentor e companheiro de conversas. Os olhos de Pistórius, indicando orgulho e hostilidade, agradavam a Sinclair assim como o olhar de superioridade de Demian.

Pistórius era conhecedor do Zoroastrismo, Cristianismo, Catolicismo, Gnosticismo e de várias outras religiões. Pistórius pode ser considerado um personagem inspirado no próprio Hesse, já que o autor era um grande conhecedor religioso, em especial do extremo oriente, não sendo segredo o seu notório saber sobre hinduísmo e diversas religiões asiáticas.

A contemplação do fogo é a primeira grande lição que o protagonista aprende - as formas causaram alegria e foram engrandecedoras para Emil. Sentiam-se como criadores, as formas retorcidas da natureza tornavam-se criações. Eram acometidos pela mesma sensação que tinha Leonardo da Vinci ao admirar paredes cuspidas.

Uma mesma divindade indivisível atua sobre nós e a Natureza, e se o mundo exterior desaparecesse, qualquer um de nós seria capaz de reconstruí-lo, pois

a montanha e o rio, a árvore e a folha, a raiz e a flor, todas as criaturas da Natureza estão previamente criadas em nós mesmos, provêm de nossa alma, cuja essência é a eternidade, essência que escapa ao nosso conhecimento, mas que se faz sentir em nós como força amorosa e criadora. (HESSE, 2017, p. 120).

O fogo carrega em si próprio uma simbologia extensa. No Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier, uma das definições para o fogo está associada à imagem de Deus, além de também se relacionar à figura de Prometeu, bem como a outras ligações que o associam à criação.

Mas cada um de nós é um ser total do mundo, e da mesma forma como o corpo integra toda a trajetória da evolução, remontando ao peixe e mesmo a antes, levamos em nossa alma tudo o quanto desde o princípio está vivendo na alma dos homens. Todos os deuses e todos os demônios que já existiram, quer entre os gregos, os chineses ou os cafres, todos estão conosco, todos estão presentes, como possibilidades, desejos ou caminhos. Se toda a humanidade percesse, com exceção de uma só criança medianamente dotada, esse menino sobrevivente tornaria a encontrar o curso das coisas e poderia criar tudo de novo: deuses, demônios e paraísos, mandamentos e proibições, antigos e novos Testamentos. (HESSE, 2017, p.121)

O homem é visto como uma espécie de Deus, dotado da capacidade de criar, o que já existe poderia ter sido feito por qualquer um. A humanidade carrega um mundo em si mas nem todos o conhecem. Um louco, mesmo desavisadamente, pode ter ideias semelhantes às de um filósofo. O que difere Platão de um louco é o fato de o filósofo conhecer a si mesmo. Hermann Hesse era um profundo admirador de Carl Gustav Jung e de diversos outros pensadores europeus, o que se reflete nas falas de Pistórius, carregadas das teorias de Nietzsche, Darwin, e do próprio Jung.

Jung escreveu um breve tratado gnóstico em 1916 chamado *os Sete Sermões aos Mortos*, que tinha Abraxas como um deus acima do Deus cristão e do Diabo, combinando todos os opostos em um único ser. Inspirado por Freud, Jung escreve em 1919 um livro intitulado *Arquétipos e o Inconsciente do coletivo*, abordando o arquétipos humanos, como o da mãe, chegando a mencionar os arquétipos animais. Podemos encontrar sua influência não somente em Demian, mas também em diversas outras obras de Hesse.

Ao pedir ajuda na interpretação de um sonho a Pistórius, o organista compara a capacidade de Sinclair de se manter no caminho certo como uma função evolutiva,

comparando-o a peixes e, por um momento, Emil flagra-se com características primárias evolucionistas.

3.7 SEXTO: A luta de Jacó

Aos dezoito anos, Sinclair se sentia superior aos demais em alguns aspectos e em outros diminuído, o que mostra ao leitor que a opinião da sociedade ainda o importava de algum modo. Pistórius mostra que não se pode ir contra a natureza, se Emil nasceu para ser Caim não deveria tentar ser Abel - ele era um Caim, que não se podia misturar ao rebanho.

Não há porque te comparares com os demais, e se a natureza te criou para morcego, não debes aspirar a ser avestruz. Às vezes te consideras por demais esquisito e te reprovos por seguires caminhos diversos dos da maioria. Deixa-te disso. (HESSE, 2017, p.126).

Se Sinclair tentasse ir contra o seu destino, sendo normal e irrepreensível, Abraxas, aquele que não nos obriga a escolher lados, por ser a síntese da obscuridade e da luminosidade, iria abandoná-lo.

Pistörius valoriza as demais religiões, afirmando que toda religião é bela, mas, ao ser questionado pelo protagonista sobre o sacerdócio, admite ser possível utilizar a batina católica, mas jamais a protestante. As críticas do tocador de órgão aos fiéis e aos dogmas da Igreja são as mesmas criticadas em vida pelo próprio escritor. Cristo, apesar de ter sido um homem como nós, transcende a figura de um indivíduo qualquer e assume papel de herói divino que os protestantes estavam presos.

Cristo não é uma pessoa, mas um herói, um mito, uma sombra gigantesca na qual a humanidade se vê projetada a si mesma sobre o muro da eternidade. (HESSE, 2017, p.127)

Abraxas é uma religião, uma fé para Pistórius. O organista questiona o jovem sobre seus desejos carnavais e amorosos e defende que não se deve ter receio nem condenar como ilegal nada que a nossa alma deseja em nós.

Quando te ocorrer de novo algo verdadeiramente insensato e pecaminoso, quando sentires a tentação de matar alguém ou cometer alguma obscenidade monstruosa, pensa que é Abraxas quem devaneia assim em teu interior! O homem a quem quiseres matar nunca será este ou aquele; esses não passam

de disfarces. Quando odiamos um homem, odiamos em sua imagem algo que trazemos em nós mesmos. (HESSE, 2017, p.129)

A fala de Pistórius evoca Demian, para Sinclair, bem como os ensinamentos de Abraxas se assemelham aos de Max. Pensando novamente na figura de Caim, atestamos que estes condizem. Caim fez o que teve vontade, não se arrependeu, não negou seus instintos e, ao mesmo tempo que abarcava o sombrio e o luminoso, foi Caim, e não Abel, o primeiro fundador de cidades, segundo a bíblia cristã.

Knauer, um dos colegas de Emil, vê algo especial nos olhos do protagonista e pensa que são iguais. Em uma fala sobre religiões, o tema passa a ser magia branca, chegando à abstinência sexual. Quando percebe que não concordam entre si, Knauer compara os seres humanos a porcos. A figura do porco é vista como sinal de boa sorte em algumas culturas, já em algumas religiões passa a ser sinônimo de impureza, entre elas, o cristianismo, o islamismo, o judaísmo e o hinduísmo. Porcos também podem ser interpretados como pagãos e descrentes para o protestantismo. Toda a humanidade seria impura na visão de Knauer.

Novamente a figura ambígua de uma mulher fundida aos traços de Max aparecem na mente do jovem que, ao fim, consegue desenhá-la.

Interroguei aquela imagem e acusei-a, acariciei-a e rezei de joelhos diante dela; chamei-a de mãe e chamei-a de amor, de prostituta e de perdida, chamei-a de Abraxas. Enquanto isso, iam surgindo em mim palavras de Pistórius — ou de Demian? —; não podia lembrar-me de quando tinham sido ditas, mas acreditava ouvi-las de novo. Eram as palavras da luta de Jacó com o anjo: "Não te soltarei enquanto não me abençoares. (HESSE, 2017, p. 135).

A imagem da mulher era o anjo, o próprio destino de Emil - e ele se agarrava àquela visão como se segurasse um mundo. A fala de Jacó também se ajusta à persistência de Knauer em querer saber o que Sinclair escondia, e ao ver que não poderia extrair o que queria soltou sua benção.

Uma força inexplicável tira o protagonista de seu sossego, que sai às ruas sem saber o que procura, até se deparar com seu colega que tentava suicidar-se. O suicídio era um problema da juventude europeia alemã, ainda o efeito Werther, fenômeno de suicídio em massa após a publicação do livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe. Um século antes de Hesse, no entanto, passados os episódios traumáticos

ocasionados pela Primeira Guerra, jovens desiludidos também abreviaram as suas vidas. Sinclair, em uma fala que toca o íntimo dos jovens leitores da época, afirma que temos esperança e que não estamos perdidos.

Tu perdeste o caminho, Knauer, e andaste extraviado e sem norte. Não somos uns porcos, como disseste. Somos homens. Criamos deuses e lutamos com eles e eles nos abençoam. (HESSE, 2017, p.138)

Knauer, do mesmo modo como aparece, igualmente desaparece da vida do mocinho rápida e naturalmente, ao contrário de Pistórius. Lentamente, Sinclair se flagrava insatisfeito, sendo guiado por Pistórius - seus ensinamentos eram exagerados e apenas partes deles devidamente absorvidos no íntimo do ser do jovem.

Mas, para mim, tudo aquilo era mais curioso e interessante do que realmente vital; soava-me a erudição, a laboriosa pesquisa sob as ruínas de mundos passados, e de repente, senti grande repugnância por toda aquela atitude espiritual, contra aquele culto de mitologias e esse mosaico de velhas doutrinas religiosas. (HESSE, 2017, p.141)

Maliciosamente, Emil deprecia os ensinamentos do organista. Esse episódio rompeu com a função exemplar exercida por Pistórius, pois Sinclair se deu conta que o que lhe era ensinado não era seguido pelo seu mestre. Pistórius magoou-se, mas permaneceu decepcionado, e em silêncio, com a falta de resposta. Emil vai embora e, pela primeira vez, sente o sinal de Caim queimar forte em sua face. Posteriormente o jovem percebe a missão do ex professor.

Sua missão talvez fosse a de ajudar outros homens a chegarem a si mesmos, como fizera comigo. Mas não a de lhes dar o inaudito, os novos deuses. E nesse ponto abrasou-me de repente como aguda chama a revelação definitiva: todo homem tinha uma "missão", mas ninguém podia escolher a sua, delimitá-la ou administrá-la a seu prazer. Era errôneo querer novos deuses, era completamente errôneo querer dar algo ao mundo [...] Eu não existia para fazer versos, para rezar ou para pintar. Nem eu nem nenhum homem existíamos para isso. Tudo era secundário. O verdadeiro ofício de cada um era apenas chegar até si mesmo [...] Tudo o mais era ficar a meio caminho, era retroceder para refugiar-se no ideal da coletividade, era adaptação e medo da própria individualidade interior [...] Essa nova imagem ergueu-se claramente diante de mim, terrível e sagrada, mil vezes vislumbrada, talvez já expressa alguma vez, mas somente agora vivida. Eu era um impulso da natureza, um impulso em direção ao incerto, talvez do novo, talvez do nada, e minha função era apenas deixar que esse impulso atuasse, nascido das profundezas primordiais, sentir em mim sua vontade e fazê-lo meu por completo. Esta, e somente esta, era a minha função. (HESSE, 2017, p.144)

Imerso na solidão, o período escolar do mocinho termina e, sem saber o que fazer, matricula-se em um curso de filosofia intermediário embora afirme que qualquer outro curso seria igual para ele.

3.8 SÉTIMO: Eva

O título do sétimo capítulo, o qual homenageia Eva, mostra novamente a importância de um personagem. Como vimos anteriormente, Caim tem um capítulo com o seu nome, o que mostra sua importância da sua figura na construção da personalidade do jovem Sinclair. Igualmente, o Ladrão, Beatrice e Jacó também contemplam referências óbvias, que repercutem na configuração de caráter do protagonista. Já Eva não deixa de ser a responsável por inserir Emil na vida sentimental, além de representar o começo de sua transição da juventude para a fase adulta.

Depois de ver um retrato da mãe de seu amigo Demian, Sinclair, por fim, encontra o que acreditava ser o seu destino.

Era a imagem de meu sonho! Era ela, a arrogante figura de mulher quase máscula, parecida com o filho, com traços maternais, traços de severidade, traços de profunda paixão, bela e atrativa, bela e inacessível, demônio e mãe, destino e amante. Era ela! (HESSE, 2017 p.149)

Aparentemente, toda a construção de caráter do jovem Sinclair transcorreu somente para um dia se encontrar com Eva - não à toa, referência bíblica, criação divina não prevista, mas desejada pelo homem. Nesse sentido, a Eva hesseana, além das características que lembram a figura da homônima cristã, também apresenta traços inegáveis de Lilith, o que a torna a junção do bem e do mal, do divino e do demoníaco. A mãe de Demian não era fundamental ao jovem Sinclair, mas inconscientemente foi desejada. Quando este a viu, o seu destino, ao fim, revelou-se.

Sentia que meu destino me puxava, sentia que a concretização já estava próxima, e enlouquecia de impaciência vendo que nada podia fazer para precipitá-la. (HESSE, 2017, p.150)

Sinclair se matricula em uma universidade, mas o curso lhe pareceu “vulgar”, mostrando novamente sinais verossímeis à realidade do autor e da juventude alemã pré-guerra.

Tudo seguia padrões rígidos, todos faziam as mesmas coisas, e a calorosa alegria das faces juvenis tinha uma expressão lamentavelmente vazia e impessoal”. (HESSE, 2017 p.151).

Sem o seu guia Demian, Sinclair descobre nos escritos de Friedrich Nietzsche um companheiro, e em sua narração aparecem, de maneira explícita, referências às teorias do filósofo alemão:

Em toda a parte dominava a comunidade, o instinto gregário, a repulsa ao destino e o refúgio no recolhimento do rebanho. (HESSE, 2017, p.151)

“Moral de rebanho”, por exemplo, é um conceito da filosofia de Nietzsche, que postula a existência de um comportamento humano exclusivamente submisso e voluntário sobre os valores reinantes da civilização. Segundo essa teoria, o que move o ser humano são os costumes e as convenções, assumindo, assim, um modo de viver uniforme conforme as normas-padrão dispostas pela sociedade. Ao contrário do rebanho, a vida nobre seria a de *Ethos*, na qual cada um definiria o seu caminho no mundo. A figura de Caim, portanto, constitui uma espécie de *ethos*, que não segue o rebanho e sim o seu próprio caminho.

Em um episódio *a la* Paulo Coelho - “Quando você quer alguma coisa, todo o universo conspira para que você realize o seu desejo” - Sinclair ouve uma conversa e reconhece uma voz familiar: era Demian. O destino mais uma vez havia entrado em ação a favor do nosso protagonista. Nesse episódio, Demian fala explicitamente sobre o sinal que Sinclair possui, a marca de Caim, e, recordando tempos antigos, acabaram por conversar sobre isso:

O diálogo tomou logo, inconscientemente, um rumo singular e cheio de presságios. Seguindo a conversação anterior entre Demian e o japonês, começamos a falar sobre a vida estudantil, e passamos desse tema a outro, que parecia totalmente diverso, mas que nas palavras de Demian acabou por unir-se intimamente àquele. Falou Demian do espírito da Europa e do signo desta época. Em todo lado — disse — reinava a comunidade e o instinto gregário, mas em nenhuma a liberdade e o amor. Toda essa comunidade, desde os grêmios de estudantes e orfeões até os Estados, era o produto de obsessão doentia, do medo, da covardia e da indecisão, e já estava carcomida e velha. Pouco faltava para arruinar-se. (HESSE, 2017, p.153)

Sinclair não entende a relação de sua vida estudantil com os problemas que Demian apresenta. Max novamente mostra a sua capacidade crítica e toca exatamente na ferida da sociedade alemã:

— A comunidade — continuou dizendo — é uma coisa muito bela. Mas o que vemos florescer agora não é a verdadeira comunidade. Essa surgirá, nova, do conhecimento mútuo dos indivíduos e transformará por algum tempo o mundo. O que hoje existe não é comunidade: é simplesmente o rebanho. Os homens se unem porque têm medo uns dos outros e cada um se refugia entre seus iguais: rebanho de patrões, rebanho de operários, rebanho de intelectuais... E por que têm medo? Só se tem medo quando não se está de acordo consigo mesmo. Têm medo porque jamais se atreveram a perseguir seus próprios impulsos interiores. Uma comunidade formada por indivíduos atemorizados com o desconhecido que levam dentro de si. Sentem que já periclitarão todas as leis em que baseiam suas vidas, que vivem conforme mandamentos antiquados e que nem sua religião nem sua moral são aquelas de que ora necessitamos. (HESSE, 2017, p.153)

Nietzsche agora comparece na fala de Demian, sinalizando novamente que Max era digno de ser o guia de Sinclair:

Durante cem anos a Europa não fez mais do que estudar e construir fábricas! Sabem perfeitamente quantos gramas de pólvora são necessários para se matar um homem; mas não sabem como se ora a Deus, não sabem sequer como se pode passar uma hora divertida. Observa qualquer uma dessas cervejarias estudantis. Ou qualquer dos lugares de diversão que a gente rica frequenta! Que espetáculo mais desolador... De tudo isso não pode redundar nada de bom, meu caro Sinclair. Esses homens que tão temerosamente se congregam estão cheios de medo e de maldade, nenhum se fia no outro. Mantêm-se fiéis a ideais que já não existem, e atacam, furiosos, os que tentam erigir outros novos. Sinto o início de graves conflitos que não podem tardar a surgir. Já não podem tardar, crê-me. Naturalmente, não irão "melhorar" o mundo. Quer os operários assassinem seus patrões ou quer a Rússia e a Alemanha disparem uma contra a outra, isso redundará apenas numa mudança de proprietários. Mas tampouco serão completamente inúteis. Revelarão a falência dos ideais de hoje e forçarão a derrocada de toda uma série de deuses da idade da pedra. Este mundo, tal como é hoje, quer morrer, quer aniquilar-se e aniquilar-se-á. (HESSE, 2017, p.153).

O mundo quer morrer, ou melhor precisa renascer, como uma fênix. O destino mais uma vez se mostra inevitável. A pulsão de vida era necessária e, para alcançá-la, a pulsão de morte gritava por agir.

Max Demian se mostra conhecedor de sua sociedade e da realidade que os persegue, ao passo que Emil permanecia alienado em seu próprio mundo. Os personagens nos conduzem como leitores a entender que o universo inteiro conspira

unicamente para o protagonista chegar a seu destino. Entretanto, na realidade, o percurso de Sinclair foi um destino da coletividade europeia.

Sinclair percebe mais uma vez que tudo o que Max falara era correto, mas o que nele gerou angústia e ansiedade foi, por fim, a possibilidade de encontrar a sua amada. Eva o reconhece de súbito como se já o conhecesse de longa data, e o jovem observa em sua testa o signo, igualmente uma herdeira de Caim.

Eva contou ao jovem que o desenho da ave, enviado a Demian em sua juventude, deixou o seu filho feliz, afirmando que sabia do encontro do jovem com ele. Ela sabia que Sinclair também possuía o sinal e o confortou pelo caminho penoso percorrido até chegar a ela. Emil agora não era apenas um amigo, mas um filho, um namorado, um irmão. Agora Sinclair havia descoberto um novo lar, participava inclusive de reuniões com outros marcados.

Entre elas havia astrólogos e cabalistas, um discípulo de Tolstoi e toda a espécie de indivíduos sensíveis, delicados e tímidos, adeptos de novas seitas, naturalistas e vegetarianos. Outros, mais próximos de nós, buscavam no passado os afãs da humanidade à procura de deuses e de novas imagens optativas, e seus estudos me recordavam com freqüência os de Pistórius.[...] De tudo o que assim fomos reunindo concluímos, com uma acerba crítica de nossa época e da Europa atual, que trouxera à humanidade, num magno impulso, poderosas armas novas, mas que havia caído logo numa profunda e lamentável desolação do espírito, pois ganhara o mundo inteiro para com isso perder a alma. (HESSE, 2017, p 164).

Os “marcados” não demonstravam preocupação com o futuro, pois deles se espera apenas o cumprimento de seus destinos, chegarem a si mesmos. Nesse sentido, Demian compara a alma da Europa a um animal enjaulado e afirma que não se deve esperar que os seus primeiros passos para a liberdade sejam “gentis”. A guerra não foi gentil, mas, pelo contrário, uma fera devastadora, que não teve dó nem piedade dos que passaram por ela.

Nós seremos então aqueles poucos que avançarão entregues sem temor. Para isso levamos o sinal, como Caim o trazia para infundir medo e ódio e arrancar a humanidade de então de um mundo idílico e limitado, conduzindo-a a horizontes mais amplos e perigosos. Todos os homens que influíram na marcha da humanidade, todos eles, sem exceção ou diferença, puderam fazê-lo porque estavam sempre prontos para o destino. Tanto Moisés quanto Buda, Napoleão ou Bismarck. Ninguém pode escolher a onda a que obedecerá nem o pólo pelo qual será atraído. Se Bismarck tivesse compreendido os socialdemocratas e acolhesse suas inspirações, teria sido um político prudente, mas não um homem do destino. O mesmo se passou

com Napoleão, com César, com Inácio de Loiola, com todos eles. (HESSE, 2017, p.165, 166)

Essa fala de Demian justifica a escolha da figura de Caim como patrono da humanidade superior, já que esse estigma obriga os homens a enfrentarem perigos, a se arriscarem e não ficarem presos em costumes e tão criticado no rebanho pelo filósofo Nietzsche. A marca de Caim é justamente o que permitiria a evolução da raça humana e da sociedade.

Quando as transformações da crosta terrestre arrojaram animais aquáticos à terra e animais terrestres ao mar, foram os espécimes dispostos a qualquer destino os que enfrentaram o novo e inaudito e puderam salvar sua espécie com novas adaptações. Não sabemos se tais espécimes eram aqueles que antes se sobressaíam entre os de sua espécie como conservadores ou, pelo contrário, como originais e revolucionários. Estavam prontos e puderam salvar assim a espécie através de novas evoluções. Bem sabemos disso e é por isso que desejamos estar prontos. (HESSE, 2017, p.166)

A defesa de que a insígnia de Caim seria um critério de seleção natural humana pode remeter o leitor à ideia da teoria evolutiva de Darwin. Justamente por esse motivo, a obra de Hesse acabou sendo mal-interpretada por alguns legentes desavisados como apoiadora de ideais de eugenia.

Nesse momento, Eva percebe o desejo que Sinclair lhe dedica, e, para ele, o seu destino se resumia em ser aceito, ou rejeitado, pela amada. Eva, no entanto, aparentava não sentir o mesmo, cabendo a ele a plena convicção de seus sentimento, além da tarefa de cativar seu coração. O amor deveria fazer o homem se encontrar, e não perder-se nele.

O amor não deve pedir — continuou — nem tampouco exigir. Há de ter a força de chegar em si mesmo à certeza e então passa a atrair em vez de ser atraído. Sinclair, seu amor é agora atraído por mim. Quando chegar a atrair-me, então atenderei. Não quero ser uma dádiva, mas uma conquista. (HESSE, 2017, p. 168)

O amor do jovem oscilava entre desejos carnis e simbólicos, entre amor ágape, *philos* e amor *eros*. Eva era a amada, a amiga, a confidente o tudo.

O protagonista viaja para as festas de fim de ano, mas ao retornar a vida toma rumos inesperados. Encontrou Max em um estado de total abstração: o semblante do amigo era temerário, parecendo não se dar conta do que se passava ao redor. Seguindo

os conselhos de Eva, Emil decide não insistir em trazer Demian à realidade e sai em meio a chuva:

De repente, cruzou rápida no céu uma isolada nuvem amarela, que foi de encontro ao tormentoso muro acinzentado, e o vento formou em poucos instantes com o amarelo e o azul, uma estranha figura, uma ave gigantesca que se destacou da azul confusão e desapareceu com poderosas batidas de asas pelo céu. A tormenta começou então a descarregar sua fúria e a chuva caiu em torrentes, misturada a granizo. Sobre a campina fustigada ressoou com temeroso estampido um trovão breve e seco, estranhamente irreal. No mesmo instante tornou a brilhar o sol por um segundo entre as nuvens e, sobre as montanhas próximas, por cima do bosque sombrio, reluziu, morta e irreal, a neve pálida. (HESSE, 2017, p.172)

Desesperado ao perceber que era a ave dos seus sonhos, Emil volta correndo ao amigo.

3.9 OITAVO: O princípio do fim

No final do capítulo intitulado *EVA*, Demian é acometido por uma visão:

- Comigo? Naturalmente. Ninguém sonha nada que não se refira a si próprio. Mas de certo modo tens razão. Não se refere exclusivamente a mim. Distingo bastante bem os sonhos que me mostram impulsos de minha própria alma daqueles outros, nada freqüentes, em que se anuncia o destino da humanidade inteira. Só muito raras vezes tive sonhos dessa espécie e nunca nenhum daqueles que se possa dizer uma profecia prestes a realizar-se. A interpretação é sempre incerta. Mas o que sei seguramente é que sonhei algo que não se refere a mim exclusivamente. Era a continuação de outros anteriores, em que vi os presságios de que já te disse. O fato de nosso mundo estar carcomido não é razão suficiente para profetizar sua ruína ou algo semelhante. Mas desde há alguns anos venho sonhando coisas de que deduzo a proximidade da destruição de um velho mundo. A princípio foram vislumbres muito longínquos e débeis, mas cada vez se tornaram mais perceptíveis e fortes. Contudo sei apenas que se aproxima algo grande e terrível para mim. Sinclair, vamos viver aquilo de que falamos tantas vezes. O mundo quer renovar-se. Há eflúvios de morte. Nada de novo surge sem a morte. É mais terrível do que eu pensava. (HESSE, 2017, p.174)

A clarividência de Demian portava a previsão do que estaria por vir no desenrolar da trama.

O último capítulo do romance conta com pouco mais de dez páginas. Denominado *O princípio do fim*, nessa seção temos, por fim, o estopim da guerra. Quem avisa sobre o estouro da guerra ao jovem Sinclair não poderia ser ninguém menos

do que o próprio Max Demian, as palavras ditas nas entrelinhas são reveladas na fala do personagem.

— Ainda não foi declarada. Mas é a guerra. Podes estar certo. Não queria tornar a falar-te disso; mas, após nossa conversa, vi por três vezes signos premonitórios cada vez mais claros. O que anunciavam não era, pois, o fim do mundo, nem um terremoto ou uma revolução. Era a guerra. E o pior é que muitos a receberão com alegria e há tantos que esperam impacientes a explosão. Quão insípida lhes deve ser a vida! E isso é apenas o começo, Sinclair! Será talvez uma grande guerra, uma guerra monstruosa. Mas, mesmo assim não deixará de ser um começo. O novo se anuncia e há de ser terrível para aqueles que permanecerem ligados ao antigo. Que vais fazer (HESSE, 2017, p.180)

A resposta à pergunta de Demian, Sinclair simplesmente rebateu: “- Não sei.” Tamanha incerteza reflete a instabilidade conjuntural que envolvia a juventude. Emil descobre que o seu destino não era Eva, muito menos ter paz, e sim viver na agitação e no tormento. Sinclair se dá conta que nada fizera de fato do que se propusera, como conquistar Eva. O beijo que conseguiu obter da amada foi em um momento de tristeza ao se despedirem de Demian, o qual partira para a guerra.

O sentimento era fatalista cercado de temeridades, os homens partiam para guerra sem a certeza se voltariam, homens do rebanho e homens com o sinal, nenhum escapava à crueldade do destino.

Todos os homens pareciam irmanados. Pensavam na pátria e na honra. Mas era o destino o que se mostrava diante deles, por um momento, frente a frente e sem véus. Milhares de jovens saíam dos quartéis e entravam nos trens, e em muitas faces vi um sinal — o nosso — um sinal belo e nobre, que significava amor e morte. (HESSE, 2017, p.182)

Sinclair descreve a guerra como um artifício usado para o que, de fato, era destinado a acontecer, ou seja, a quebra da casca, o rompimento com o antigo. A pulsão de morte forte e avassaladora era precisa para que a pulsão de vida renascesse como uma fênix em todo seu esplendor.

A princípio, e apesar das sensações do combate, senti-me defraudado. Antes me havia perguntado muitas vezes por que eram tão poucos os homens que conseguiam viver por um ideal. Agora percebia que todos os homens eram capazes de morrer por um ideal. Mas não por um ideal seu, livremente escolhido, mas por um ideal comum e transmitido. Contudo, ao fim de algum tempo, tive de confessar-me que havia julgado os homens abaixo do que realmente valiam. Apesar da uniformidade que lhes impunha o serviço militar e o perigo comum, vi muitos se aproximarem arrogantemente à vontade do destino, em plena vida ou a ponto de morrer. [...] Tudo isso era apenas

superfície, igual aos fins exteriores e políticos da guerra. Sob ela, no fundo, formava-se algo novo. Algo como uma nova humanidade. Pois havia muitos homens, e alguns deles morreram a meu lado, para os quais era evidente que o ódio e a fúria, a matança e a destruição não se achavam ligados aos objetos. Não; os objetos, bem como os fins, eram puramente casuais. Os sentimentos primordiais, inclusive os mais violentos, não iam contra o inimigo; sua obra sangrenta era apenas uma irradiação do interior, da alma dissociada e dividida, que queria enfurecer-se e matar, aniquilar e morrer, para nascer de novo. Uma ave gigantesca rompia a casca. A casca era o mundo, e o mundo havia de cair feito em pedaços. (HESSE, 2017 p.183, 184)

Um novo sonho premonitório mostra uma deusa com o rosto de Eva, o sinal de Caim resplandecia em sua fronte, imagem cercada de estrelas brilhantes, no entanto, esse sonho se despedaça, pois interrompido por algo que chega como uma bomba.

Uma das estrelas vinha, com vibrante cântico, em minha direção. Parecia procurar-me... De repente, explodiu com estrondo em milhares de estilhaços, elevou-me nos ares e arrojou-me novamente ao solo, enquanto o mundo caía fragorosamente sobre mim. (HESSE, 2017, p.185).

A descrição de Sinclair dos detalhes da guerra são realísticos e condizem com o que de fato pode ter acontecido.

Encontraram-me perto do álamo, coberto de terra e com muitas feridas. Estava estendido numa cova. Os canhões troavam sobre mim. Depois, estendido em um carro que brincava através de campos vazios. A maior parte do tempo dormia ou jazia sem consciência. Mas quanto mais profundo era meu sonho, mais violentamente me sentia atraído para algo exterior a mim. Obedecia a uma força que me dominava. (HESSE, 2017, p.185).

Extremamente machucado, o protagonista é levado para ser tratado, não sabemos ao certo se era realidade ou fruto de sua imaginação, mas lá volta a ver Max Demian, que se despede do tão apreciado amigo.

Sinclair, menino, ouve-me bem. Tenho que partir. Talvez voltes a precisar de mim contra Kromer ou outro qualquer. Quando me chamares então já não virei tão grosseiramente a cavalo ou de trem. Terás que ouvir em ti mesmo, e então perceberás que estou dentro de ti. Compreendes? Outra coisa ainda. Eva me disse que, se alguma vez estivesse mal, que eu te desse o beijo que ela me deu ao partir... Fecha os olhos, Sinclair! Obediente, fechei os olhos e senti um leve beijo nos lábios, sobre os quais tinha ainda um pouco de sangue, que não queria estancar. (HESSE, 2017, p.186)

Ao despertar, já não encontra o seu guia e agora flagra, em si mesmo, o seu próprio guia e ajudador. A cura não fez bem ao corpo e, sobretudo, ao espírito. A obra não tem desfecho, apenas a cisão de Demian e Sinclair. Emil, ao fim, alcançou o que desejava ser: igual a seu guia de outrora. Demian estava nele, e ele era Caim.

A cura causou-me mal. Tudo o que depois me aconteceu causou-me mal. Mas quando vez por outra encontro a chave e deço em mim mesmo, ali onde, no sombrio espelho, dormem as imagens do destino, basta-me inclinar sobre o negro espelho para ver em mim a minha própria imagem, semelhante já em tudo a ele, a ele, ao meu amigo e meu guia. (HESSE, 2017, p.187).

Se ao decorrer do livro podemos identificá-lo como um romance de formação, uma obra psicanalítica, ou até mesmo de carácter crítico-religioso, o último capítulo pode ser inserido na linha da literatura apocalíptica. Uma das peculiaridades do género apocalíptico é encontrada no velho testamento da bíblia cristã:

E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão. (BÍBLIA SAGRADA, Joel 2:28).

A literatura apocalíptica cresceu exponencialmente no período pós-guerra. Klaus Koch identifica oito grupos de temas presentes nos escritos apocalípticos:

1. Uma insistente expectativa de iminente destruição de todas as condições terrestres num futuro imediato;
2. O fim através de uma imensa catástrofe cósmica;
3. A relação entre o tempo do fim e a história antecedente da humanidade e do cosmos;
4. Anjos e demónios;
5. Catástrofe seguida por salvação;
6. A entronização de Deus e a vinda de seu reino;
7. O aparecimento de um mediador com funções reais;
8. A glória da era que virá.

Todos os oito argumentos de Klaus Koch cabem como um sapato feito sob medida para Demian. No desenlace da trama, conseguimos absorver a tessitura melancólica dos personagens. Porém, para o leitor leigo sobre a história que amalgama

o autor, não sorverá do conteúdo referente a Primeira Guerra Mundial. Contudo, no arremate fica explícita a relação do período da narrativa com o período pré-guerra.

As figuras de anjos e demônios dão espaço na narrativa de Hesse a entes da mitologia bíblicas, mas com a mesma funcionalidade do bem e mal: Caim e Abel, o Bom e o Mau Ladrão e Jacó. O Deus hesseano é Abraxás, e a glória do seu povo seria trazida pelos marcados, para mudar a humanidade.

David Syme Russell julga como propriedades dos escritos apocalípticos, escolhidos pelos autores em geral, o transcendentalismo, a mitologia, a descrição cosmológica, a narração histórica pessimista, o dualismo, a divisão do tempo em períodos, a doutrina das Duas Eras, a numerologia, o pseudo-êxtase, as reivindicações artificiais de inspiração, a pseudonímia, o esoterismo e a unidade da história. Hesse usa e abusa da mitologia bíblica - o dualismo persegue o nosso protagonista em todas as narrativas, utilizando o esoterismo ao evocar Abraxas, sendo o êxtase o que se percebe em falas de Max Demian.

A escolha de Hermann Hesse por Caim como arquétipo do humano desejável não foi por rebeldia ou por puro desdém dos ensinamentos cristãos, apesar de sabermos que criticava duramente a religião protestante. A sua escolha se deve ao fato de a humanidade estar acostumada a seguir padrões e imposições e, muitas vezes, não parar para observar o que realmente é sensato e o que significa, entre os nossos próprios conceitos "ser correto".

4. AS PULSÕES DE CAIM

Após vencer sucessivas guerras que consolidaram a unificação alemã, resultando no Império Alemão, a Alemanha trouxe consigo um nacionalismo exacerbado, avanços industriais que aportaram melhoras capitalistas e prosperidade, em que a elite da burguesia liberal ascendeu nos cenários econômicos e políticos. No entanto, ainda era uma sociedade cristã, predominantemente luterana, à exceção de alguns intelectuais e partidários do socialismo, que se haviam livrado da ilusão religiosa. Nietzsche, um dos grandes críticos da sociedade e dos costumes alemães e europeus, formula a ideia do rebanho. Nesse sentido, postula:

Já se sabe aonde conduzem, minam surdamente a vontade de potência, são a nivelção da montanha e do vale erigida em moral, tornam o homem pequeno, covarde e ávido de prazeres; o triunfo das cabeças de gado do rebanho as acompanha. Liberalismo equivale a embrutecimento de rebanho. (NIETZSCHE, 2018, p.88)⁶

A Europa enfrentava problemas, as tensões geradas decorrentes de guerras territoriais e as políticas colonialistas abalaram as relações entre as nações, a mentalidade à época era de servilismo, cujo ressentimento gerado pelos embates acabou de uma maneira trágica: a Primeira guerra Mundial.

Se tivermos a vista treinada para descobrir os sinais do declínio, os compreenderemos em decorrência a moral – compreenderemos aquilo que se oculta sob seus mais sagrados nomes e suas formas de valor: a vida depauperada, a vontade de morrer, o grande cansaço. A moral renega a vida... (NIETZSCHE, 2007, p.13)⁷

Pulsão, representada em alemão pelo termo *trieb*, designa a percepção de uma pressão advinda do campo interno. Quando vertemos para a língua portuguesa, *trieb* recebe a tradução de impulso, como percepção de tendência para algo. Segundo Freud, somos movidos por duas grandes forças - *todestrieb* ou pulsão de morte, sendo representado por Tântatos; já a pulsão de retratada retratada por Eros. As pulsões de morte tendem a destruir e matar, sendo consideradas agressivas ou destrutivas, ao passo que as pulsões de vida estão inclinadas a preservar e a unir, tidas como eróticas ou sexuais.

Freud defendia que as formas primitivas de vida não possuem sozinhas o desejo de mudança. Nesse sentido, se tudo o que vive morre por causas internas, logo o objetivo da vida é a morte.

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 1996, p.226).

⁶ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 88

⁷ NIETZSCHE, F. *O Caso Wagner*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, s/d, p. 13

Walter Benjamin, ao descrever o anjo da história, reflete o sentimento deixado pelas guerras. Catástrofe sem precedentes, o poder destrutivo foi tão imenso que recebeu o título de Guerra Mundial. Mas esse horror impeliu a sociedade a repensar tudo o que vivera. Em *Demian*, o impulso de morte se faz presente, assim como o de vida - a ave que Sinclair avista trata-se da Europa. Para Hesse, a tragédia foi o que permitiu a humanidade de progredir, o impulso de morte gritava forte, aquele sistema obsoleto precisava morrer para um novo nascer. O escritor só não poderia prever que uma segunda calamidade maior do que a primeira aconteceria em um espaço de tempo relativamente curto - tudo em nome do progresso.

Por que, então, Hesse escolhe Caim? Talvez por ter sido o fundador da primeira civilização segundo o viés cristão que a Alemanha conhecia, podendo estar condenado a um fim trágico, mas conseguiu receber uma marca de proteção. Outra possibilidade é o sinal que o distingue, que o leva contra o coletivo. Enfim, temos inúmeras possibilidades.

Caim é uma das figuras mais misteriosas que encontramos no imaginário popular, muitos acreditam que se tornou um ser imortal e que ainda vaga pelo mundo vivendo em meio a nós.

Caim se torna uma figura tão notável, que flagramos a sua presença indireta e diretamente no imaginário literário hesseano, a exemplo de *Lobo da Estepe* (1927), uma das obras a compor a tríade que define a sua escrita, respectivamente, na juventude, vida adulta e maturidade.

Em *Demian*, Sinclair se rebela contra as convenções e descobre não apenas sua independência, mas também seu caminho para chegar a si mesmo. Em *Sidarta*, Sidarta é um espírito rebelde que adotou os preceitos de Buda, mantendo-se assim fiel à sua própria alma. E em *O lobo da estepe* (1927), Harry Haller crê que a sua integridade depende da vida solitária que leva em meio às palavras de Goethe e as partituras de Mozart, sendo um intelectual em seus 50 anos a tentar o equilíbrio em frente ao abismo dos problemas sociais e individuais, frente os quais a sua personalidade se converte em algo cada vez mais ambíguo e, por fim, despedaça.

Sinclair, assim como Caim, estava destinado a um fim trágico, mas a sua marca pessoal o faz seguir em frente. As pulsões de Caim eram o que movia o nosso protagonista, o destino à morte, embora a vida o convocasse.

5. A FIGURA DE CAIM: DE SUAS POSSÍVEIS ORIGENS ÀS MÃOS DE HESSE

Curiosamente, apesar de formações, crenças, territórios, raças e tempos diferentes, encontramos espalhados pelo globo terrestre histórias variadas que apresentam semelhantes enredos sobre os mais diversos temas desde a formação do mundo a criação da raça humana e histórias relacionadas a entidades divinas.

Na mitologia nórdica, encontramos Ymir, que se tornou mau, e foi assassinado por Odin e seus irmãos. Na tradição judaica, Caim, por outros motivos, também mata o seu irmão.

O Alcorão, representante da cultura islâmica, apresenta sua própria versão da narrativa de Caim, tendo como principais motivos do homicídio a inveja e o ciúmes, pois Abel possuía uma prometida mais bonita do que a de Caim, e o próprio diabo mostrou ao mais velho como assassinar o mais moço. Apesar de ser sucessor aos escritos da Torah, a sua semelhança com a vertente egípcia é incrível. Os egípcios, antes mesmo da codificação dos textos hebraicos, assim como outras narrativas bíblicas, dispõem de uma semelhança inusitada entre os enredos. A versão do Egito apresenta dois deuses: Osíris e Seth, enamorados pela irmã, Ísis. O primeiro conquista a recíproca afetiva da deusa, enquanto o outro, mestre dos desertos, amargurado pela rejeição, ira e inveja do irmão (pelo fato de Osíris, além do triunfo no relacionamento, dispõe do território do Egito e sua agricultura) resolve então matá-lo por considerá-lo seu rival, despedaçando seu corpo e espalhando seus fragmentos pelo mundo.

Indo ainda mais longe, aproximadamente dez milênios antes de Cristo, chegamos ao período neolítico, primórdios da dominação da agricultura e domesticação dos animais, em que conflitos sangrentos entre lavradores e agricultores ocorriam em diversas regiões, episódios esses registrados pelos sumérios séculos depois.

Semelhantemente, uma lenda suméria nos apresenta o deus pastor Tamuz, que, da mesma maneira, nutria uma paixão pela deusa Inanna, que era desejada pelo deus da agricultura, Enkidu. Assim como na mitologia egípcia, eles igualmente eram irmãos.

As duas vertentes mais discutidas sobre a história de Caim são as católicas originárias da Torá judaica e a variante extrabíblica targúmica.

A versão cristã afirma que, após a expulsão do paraíso, Adão e Eva geraram Caim. No entanto, nos escritos do Targum, Caim não seria filho de Adão, mas de fato do anjo caído nomeado de Samael. Nessa segunda narrativa, Eva teria sido criada primeiro, houve uma rebelião e Samael (espírito lucífero, serpente) uniu-se a Eva, transgredindo assim os planos divinos para a criação da raça humana. Desse modo, portanto, Caim seria um híbrido semidivino portador de capacidades superiores transmitidas por seu pai e, como consequência, Javéh⁸ (conjunto de seres divinos) cria Adão para que se una a Eva e assim concebem Abel.

A serpente em ambas tradições traz o pecado e conduz a humanidade à descoberta da reprodução sexual, ao progresso do saber e à evolução intelectual.

Na versão assumida por Hesse, Caim se torna um homem corajoso, que foi fiel a si próprio. Adão é ausente, a Eva de Hermann Hesse vira personagem da história. A mãe de Demian, ou seja, a Eva hesseana, assemelha-se mais a Lilith do que a Eva cristã, sendo independente e representando a igualdade masculina e feminina e, assim como em mitos hebreus que falam de Lilith, possuía ainda traços andróginos.

Não são fatos desconhecidos a influência e o poder que a Igreja católica exerceu sobre a Europa e parte da Ásia durante grande parte do milênio passado, poder que não se restringia só na esfera religiosa, mas adentrava a política, a economia, a justiça e as relações sociais. O domínio sobre as terras colonizadoras fez com que a religião católica alcançasse domínios que ultrapassavam oceanos, chegando às Américas, África e Oceania. Com o cristianismo também não foi diferente. Essas influências serviram para firmar seus livros sagrados com vertente comum judaica.

Segundo a Bíblia Sagrada e a Santa Bíblia Sagrada, Adão e Eva geraram Caim e depois Abel. Abel era pastor e Caim lavrador. Durante o ritual ofertado a Deus, o sacrifício do mais novo foi aceito e o do mais velho rejeitado. Irado, o primogênito mata o irmão, Deus sentencia Caim a ser um errante sobre a Terra e a não conseguir lavar o solo como antes o fazia. Caim argumenta com Deus e o divino lhe concede uma marca, um sinal para que este não seja morto por quem o achar.

⁸ O site **significados** atribui Javé como “Javé é um dos nomes de Deus na bíblia sagrada cristã, assim como Jeová. Etimologicamente, o nome Javé tem origem do hebraico Yahveh ou Yehovah, que na bíblia sagrada foi traduzido para o latim na forma do tetragrama YHWH.” (<https://www.significados.com.br/jave/>). Javéh é uma das formas em que se pode escrever Javé.

Banido para terra de Node, coabita com sua mulher e tem um filho chamado Enoque. Caim é tido como o grande fundador da civilização, pois fundou a primeira cidade registrada na bíblia cristã, batizando-a com o nome do seu filho.

O último registro do que sucedeu a Caim foi o seu exílio para a terra de Node, onde se firmou com sua descendência, que supostamente fora morta com o dilúvio na época de Noé.

O Caim assim descrito é uma pessoa invejosa e perversa que mata seu próprio irmão e com a audácia de negar o seu crime na presença de Deus, além de, em momento algum, mostrar-se arrependido frente a seus atos. Em quase todas as suas representações, Caim nunca se arrepende, já que o seu orgulho o domina, orgulho esse demonstrado em Hesse por Max Demian e por todos aqueles que possuíam a marca de Caim.

A primeira grande questão em torno desse relato bíblico gira em torno da aceitação das ofertas. Por que Deus aceitou a de Abel e rejeitou a de Caim? A Bíblia fornece três explicações possíveis.

Se seguirmos pelo Pentateuco podemos inferir que Deus aceitou a oferta do mais novo, por ter sido feita com sangue, já que o soberano preferia oferendas de carne ao invés de verduras, de tal modo que os sacrifícios impostos a seu povo eram de sangue até a vinda de Jesus (cordeiro máximo). Se optarmos pela passagem encontrada na primeira carta de João, concluímos que Caim era mal de nascença.

Porque esta é a mensagem que ouvistes desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. Não como Caim, que era do maligno, e matou a seu irmão. E por que causa o matou? Porque as suas obras eram más e as de seu irmão justas. (BÍBLIA SAGRADA, 1 Jo 3.11, 12)

E por fim a passagem de Hebreus dá a entender que Abel ofertou o que tinha de melhor, ao contrário de Caim:

Foi pela fé que Abel ofereceu a Deus um sacrifício melhor do que o de Caim. Pela fé ele conseguiu a aprovação de Deus como homem correto, tendo o próprio Deus aprovado as suas ofertas. Por meio da sua fé, Abel, mesmo depois de morto, ainda fala. (BÍBLIA SAGRADA, Hebreus 11:4)

Hesse faz indagações semelhantes as da natureza de Caim na voz de Sinclair. Emil sempre pertenceu ao mundo sombrio? Suas irmãs eram melhores de fato melhores?

Minhas irmãs pertenciam igualmente ao mundo luminoso. Sua formação me parecia ainda mais próxima da de nossos pais do que a minha. Eram melhores, mais judiciosas e perfeitas do que eu. Tinham seus pequenos defeitos, suas manhas; mas, ao meu ver, não era nada muito profundo, como era em mim, cuja a proximidade com o mal era opressiva e angustiada, por me considerar muito mais próximo do mundo obscuro. (HESSE, 2017, p.16)

A primeira referência a Caim como o construtor de cidades está em Gênesis 4:17. Os descendentes de Caim são descritos por instituir a poligamia (Gênesis 4:23, 19), a arte da produção de armas (Gênesis 4:22) e diversão (Gênesis 4:21).

17. Caim teve relações com sua mulher, e ela engravidou e deu à luz Enoque. Depois Caim fundou uma cidade, à qual deu o nome do seu filho Enoque.**18** A Enoque nasceu Irade, Irade gerou a Meujael, Meujael a Metusael, e Metusael a Lameque. **19** Lameque tomou duas mulheres: uma chamava-se Ada; a outra, Zilá. **20** Ada deu à luz Jubal, que foi o pai daqueles que moram em tendas e criam rebanhos. **21** O nome do irmão dele era Jubal, que foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta. **22** Zilá também deu à luz um filho, chamado Tubalcaim, que fabricava todo tipo de ferramentas de bronze e de ferro. Tubalcaim teve uma irmã chamada Naamá. **23** Disse Lameque às suas mulheres: "Ada e Zilá, ouçam-me; mulheres de Lameque, escutem minhas palavras: Eu matei um homem porque me feriu, e um menino, porque me machucou. **24** Se Caim é vingado sete vezes, Lameque o será setenta e sete". (BÍBLIA SAGRADA, gênesis cap.4)

Caim nomeou a primeira cidade, assim como seu filho de Enoque, cujo nome significa "dedicado". Caim, o errante, o amaldiçoado, sem lugar, ao contrário de todas as expectativas edifica para a sua descendência uma cidade. Ao fundar uma cidade os seus herdeiros não precisariam mais fugir, de certa forma contrariando os planos divinos. As gerações de Caim foram as primeiras a produzir armas e, conseqüentemente, capazes de se defender e atacar os inimigos.

Os marcados de Hesse também exercem um papel fundacional importante, pois cabe a eles originar uma sociedade regida por novos preceitos.

O segundo questionamento em torno desse mito é qual seria de fato a marca que Deus concedeu a Caim.

Existem numerosas indagações em torno do que seria marca de Caim. Alguns textos mórmons a apontam como uma cor de pele; ficções do século XX e XXI apontam para o vampirismo; intérpretes radicais afirmam que, de fato, era um sinal corporal. Na percepção hesseana, essa marca seria, ocasionalmente, comportamental e, outras vezes, elemento de conduta.

Por séculos a sociedade europeia utilizou-se da maldição de Caim e daquela de Canaã para justificar atrocidades que praticadas contra a comunidade negra, bem como para se defender e, criar um ambiente moralmente legal para a ideologia do sistema escravocrata que prevaleceu na sociedade por um período extremamente longo.

Nos períodos das Grandes Guerras Mundiais sugeriu-se que a tal marca era visível por meio da coloração de cabelo, mais especificamente a loira. Os vikings possuíam essa coloração, sendo terríveis homicidas e bárbaros, cuja descendência gerou os saxões que, entre os povos que se originaram, estavam os alemães, a mesma nação que se autodenominou a única raça verdadeiramente pura. O nazismo foi tido como uma demonstração da capacidade de assassinato em massa, a qual só os que possuem a marca de Caim poderiam ser capazes de consumir.

Conforme documentado em Gênesis, a marca de Caim poria em fuga qualquer um que quisesse o ferir, e ossadas encontradas na Ásia trouxeram uma nova possibilidade, o gigantismo.

Outras possibilidades que envolvem sinais físicos e estéticos - talvez a mais plausível - eram a de que o sinal equivalia a apenas uma tatuagem ou uma cicatriz.

Narrativas modernas ilustram a maldição de Caim como capaz de trazer a imortalidade: Deus marcou Caim para que ninguém o matasse, portanto a morte jamais se aproximou dele. Dessa linha de pensamento surge o vampirismo, a possibilidade de Caim ainda estar disfarçado pelo mundo como um humano comum, mas tendo se transformado em um ser demoníaco.

Analogias ao sinal de Caim a marcas comportamentais das sociedades modernas e contemporâneas estão em frequente aparecimento.

O autor de *Demian* acrescenta criativamente a marca de Caim como elemento de conduta, uma identidade que desprende quem a porta dos demais de um grupo. A marca desempenha o papel de isolar e tornar íntimos apenas daqueles que também a têm.

Em *Demian* há uma interpretação que diverge do relato bíblico: a marca concedida por Deus representava distinção, caráter, valor e, ainda, superioridade. Então como chegamos ao relato de Caim como conhecemos hoje? *Demian* nos responde. A narrativa de Caim e a desvalorização da sua grandeza foram uma criação na tentativa de justificar a covardia dos homens de bem.

A literatura vem bebendo de diversas fontes, quer sejam mitológicas, históricas, sociais ou culturais e, claro, que os relatos bíblicos não ficariam de fora.

Hesse foi notável em sua utilização do mito de Caim em *Demian*.

Logo, no início da narrativa, nos é apresentada a dualidade entre a casa da criança Sinclair - considerada o antro do correto da clareza, descrita como o mundo da luz e da clareza onde poderia encontrar segurança e os preceitos paternais cristãos - e o de fora, que seria mais sombrio e excitante por fazer parte do desconhecido. O lar de Caim era uma extensão do Éden no qual poderia viver sob a proteção divina sem precisar se preocupar com nada, e o mundo sombrio refletia tudo o que era externo ao paraíso.

A obra inteira é pautada nessa dualidade: a de seguir os passos da moral pregada pela época ou se deixar levar pelos instintos, assim como Caim, que, às vezes, podem ser obscuros e perigosos.

O clima de angústia e opressão que o protagonista sente ao longo da narrativa condiz muito com o que ocorria no período pré-guerra, mas, principalmente durante a Primeira Guerra, o sentimento de desesperança era profundo. A maldade intrínseca do ser humano e as discussões associadas a humanidade ser boa ou não estavam na berlinda. O livro é permeado de misticismo e psicanálise, e nessa época eram fortes as linhas de Freud e Carl Jung, as quais Hesse teve muito contato, mas o predomínio dos preceitos cristãos ainda imperavam na educação européia.

Hermann Hesse utiliza-se de narrativas bíblicas e as ressignifica fazendo, dessa forma, críticas à sociedade, ao sistema educacional, à própria natureza humana, a partir dos quais escolhe a marca de Caim como o estopim para o jovem Sinclair amadurecer.

Segundo o livro *Os sete pecados de Caim*, escrito por Judiclay Santos, Caim teria cometido sete pecados em sua vida: impiedade (desonrou a Deus); inveja (tristeza pelo sucesso do outro); ira (vento que apaga a lâmpada da mente); rebeldia (a insistência em andar na contramão); homicídio (atentou contra a santidade da vida); impertinência

(possuía um coração refratário à obra da graça) e, por último, o orgulho, o primeiro e o pior dos pecados. Sinclair, que ironicamente significa santo, ao longo de sua jornada, comete todos os pecados de Caim.

Ao longo da narrativa Hesse nos mostra um personagem que já presenciava a dualidade do mundo ideal, o qual denomina de luminoso, e o mundo real, obscuro.

Criado em um lar religioso, que não é definido de fato no livro, mas podemos inferir que se tratava de um lar cristão, assim como na vida real do autor, Emil se depara com o seu primeiro pecado a inveja. O jovem garoto motivado pela inveja das histórias contadas por seus colegas, e com medo de ser isolado, comete o seu segundo pecado: a mentira. A mentira o leva a roubar, irar-se e, ao mesmo tempo, teme as ameaças de Kromer, a decepcionar-se com seus pais por não notarem o que se passava e os culpa por ter entrado no mundo sombrio.

Na adolescência, Sinclair se torna rebelde, impiedoso, impertinente e desperta a ira em Knauer, pois não se insere nos ideais do jovem. E o orgulho, facilmente confundido com mesquinhez, alcança Sinclair em sua totalidade, quando este se encontra com Eva e Demian novamente.

A marca de Caim tem uma função importante no desenvolvimento de Sinclair. A visão de Demian de que tal marca estava longe de ser maldição ou vergonha - e, na realidade, era símbolo de distinção e superioridade - foi primeiro episódio que incitou o em Sinclair um verdadeiro desafio intelectual, pois se contrapunha a tudo que ele aprendeu em seu berço paternal cristão. A lembrança dessa conversa e as reflexões em torno dela permeiam por todo o romance.

Demian afirma, em algumas passagens, que a marca de Sinclair às vezes é menos visível, como no episódio no bar e outras vezes é mais detectável. Eva reconhece o jovem Emil imediatamente após tê-lo encontrado pela primeira vez unicamente por conta do seu sinal, pois a marca está designada apenas aos poucos especiais, assim como para seu filho, vendo tal marca como talhada aos destinados à superioridade.

A marca é o motivo que move Sinclair, que o concebe como dispar e mostra que o que o torna inusual se propaga em valores morais variados para cada pessoa, do mesmo modo como Max, em sua interpretação cristã, tem suas próprias versões sobre o significado da marca de Caim.

6. PERSONAGENS: ENGRENAGENS DA NARRATIVA

Max Demian é um personagem singular. Em relação a Sinclair, Max Demian se sobressai em aspectos físicos, intelectuais e, de certa forma, sociais, pois, apesar de tentar se manter distante, era facilmente notado.

A trama, ou matéria que se avulta capítulo intitulado *Caim* é o ponto onde, o auxílio de Demian, Emil Sinclair retoma com sua autonomia dantes despojada por Kromer, personagem mais velho que o intimidava e o amedrontava. Max exhibe a Emil a percepção de que o poder exercido por Kromer sobre ele só era possível se o próprio Sinclair tolerasse.

Demian sugere que Sinclair deveria livrar-se de seus medos se quisesse tornar-se verdadeiramente um homem, sendo recompensado dessa forma com “a marca”. Nessa lógica, esse sinal reporta-se, metaforicamente, àqueles que eram habilidosos para vencer seus próprios demônios, temores, enfrentá-los sem medo e terminar de modo heróico.

Para Emil, Demian seria a sua versão ideal considerando-se as suas descrições sobre Max. Sinclair o põe em uma espécie de pedestal fazendo descrições e observações que podem levar até a interpretação de cunho sexual. Demian é o Caim; a figura de Kromer, por outro lado, configura a parte fraca e negativa da qual deveria se livrar: Abel. Ambos rodeiam o inconsciente do jovem Emil de onze anos, quando ele finalmente se livra do seu algoz; E, assim como Caim, Emil se fortalece e consegue iniciar o caminho para alcançar o que tanto admira, um marcado.

Demian aparece todas as vezes que Sinclair começa a se desviar do caminho do autoconhecimento, colocando o protagonista nos trilhos novamente, abraçando, desse modo, o papel de catalisador da procura incansável de Sinclair pelo descobrir-se a si próprio.

Demian é o primeiro guia de Emil e o tira da zona de conforto. O causa receio, mas também o atrai. Apesar do distanciamento temporário, Max foi pilar elementar na constituição do caráter de Sinclair e, de modo fortuito e casual, mesmo durante o tempo teoricamente desligado do amigo, Demian é a figura emblemática que conduz indiretamente Sinclair até Pistórius.

Max Demian, por ser complexo, é definido por vários traços diferentes, o seu comportamento imprevisível e enigmático vai sendo desenvolvido ao longo da narrativa e expressa a verdadeira natureza humana.

Provavelmente a escolha de nome do seu protagonista não passou despercebida por Hermann Hesse. Emil é um nome de origem gótica, que significa industrioso, e Sinclair de proveniência inglesa significa “santo”. Emil, de fato, tem destreza e faz progressos na área sentimental, física, psicológica e religiosa. A grande ironia está em seu sobrenome, pois Sinclair passa longe de ser um santo e se aproxima de um Daimon. Sinclair também é a junção de “Sin” - do inglês traduzido em pecado - e “clair”, do francês, que lembra claridade, ou seja, em seu nome já encontramos a dualidade que atravessa todo o livro, as trevas e a luz.

Max Demian chama especialmente a atenção do jovem Emil Sinclair, por compartilharem o seus particulares e reduzidos estilos de vida - e juntos formam parte do que chamam de "os marcados". Sinclair desejava se sobressair de algum modo diante do restante dos marcados, se distinguindo em suas ações e ideias a fim de salientar sua individualidade, repelindo o “rebanho” que engendrou os demais com a crença de que durariam e seriam responsáveis pela construção de um mundo no futuro, já que o atual se encontrava condenado ao desaparecimento.

Entre os muitos méritos, o romance de Hesse tem a responsabilidade de ser um dos primeiros livros a tratar "*ante litteram*" ao criticar uma educação religiosa, severa e rígida para os jovens alemães daquele período.

O romance, apesar de situado no período pré-guerra, trata realmente do pós-guerra, se anteriormente a juventude alemã já não sentia pertencente aquela realidade, posteriormente a guerra esse sentimento se agravou. Sinclair, assim como uma parcela da sociedade alemã, sente-se deslocado, e esse sentimento de não pertencimento, exclusão, estranhamento em relação aos demais e errância atribui a ele o estigma de Caim

Odon (Edmund Josef) von Horváth, em *Juventude sem deus*, define Deus como vítima e, ao mesmo tempo, autor de um desastre de guerra sem precedentes. A semente do mal estaria presente na educação da juventude alemã no período entre guerras.

Hesse escreve um romance de formação, *buildingroman*, no qual as transições da infância a adolescência são reflexos da experiência do próprio escritor e não anulam a universalidade da obra.

A Alemanha passava um período problemático, acusada e responsabilizada pela primeira guerra, vivia um derrotismo. Demian representa uma tentativa de se desvincular dessa mentalidade fatalista e erguer uma nova percepção à realidade alemã. Quebrar o ovo para fazer nascer o pássaro é a metáfora a exemplificar essa afirmação, tanto para a questão nacional quanto para o âmbito pessoal/individual.

A mesquinhez, a hipocrisia e as contradições da sociedade ocidental, tão criticadas por Hesse, estão incorporadas no corpo de Franz Kromer, um adolescente perseguidor de Emil. Sinclair, após várias experiências de humilhações traumáticas, entende como agir contra os níveis comportamentais tão baixos Kromer. Os registros linguísticos de Kromer se revelam inferiores aos da maioria dos personagens, o que reforça sua má impressão. Franz é o símbolo do mundo considerado mau, e, ao se relacionar com ele, Sinclair rompe com o mundo bom, sendo levado aos caminhos do outro lado, o mundo obscuro. Franz representa a parte obscura, a força motriz de atração ao proibido.

Franz quer dizer francês, e Kromer é uma variação do nome Kramer, o qual quer dizer mascate. Uma dos grandes inimigos da Alemanha no período da primeira guerra era a França, nação que causou uma grande destruição territorial e populacional para a Alemanha. Kromer passa a ser o negociador e, assim como fez com Sinclair, a França pós-guerra deixou a Alemanha em posição de desvantagem.

Pistórius dispunha de uma variedade estandar da língua. Ele era um homem inteligente, extravagante e tinha a estranha capacidade de interpretar sonhos. O seu rosto era feio, selvagem e tenso, a boca infantil, embora os olhos transmitiam força e orgulho. Pistórius vive preso ao passado e não se permite renascer em um homem novo e melhor, mas o seu conhecimento trará a Sinclair a certeza de que o seu destino está em Demian. Pistórius é uma das variações do nome alemão Backer, que significa “fazedor de pão”, padeiro”. Pistórius alimenta o intelecto de Sinclair, e o seu papel não passa disso, já que transmite conhecimento, mas não o aplica em sua vida.

A mesma força que move Kromer também move Afonso Beck - no entanto, revelada em rebeldia e bebedeiras. O seu nome Alfonso provém de “Adalfuns”, de

origem germânica, criado pela união dos elementos “adal” (“nobre”) e “funs” (“pronto” ou “apto”), dando o sentido de “apto para ser nobre” ou “inclinação nobre”. Beck liderava o seu pequeno grupo, cujo papel é ensinar o que Sinclair não havia aprendido com Kromer, pois o problema com este último tinha sido solucionado por Max. O poder de solucionar seus entraves agora estaria nas mãos do próprio Emil.

Beatrice é a versão italiana de Beatriz, que vem do latim *Beatrice*, derivado da palavra *beatus* (“abençoado”), *beare* (“para fazer feliz”), “a que traz felicidade”, a própria personificação da beleza física e ética, a que limpa Sinclair de seus pecados e o traz aos caminhos da marca de Caim .

Knauer tenta seguir os passos de Emil, mas a sua incapacidade de mesclar os mundos claro e obscuro e de assimilar os ensinamentos de Abraxas, resultam em sua rápida passagem na narrativa. Knauer, variante de Knorr, com origem na Turíngia, significa “homem rude”. A rudeza desse personagem se mostra em sua impulsividade, grosseria e negação de ouvir Sinclair.

Eva é a representação da sabedoria, do amor, da mãe de todos. A ela não se compra, conquista-se, permeando todo o subconsciente de nosso protagonista. Um dos significados que podemos atribuir a seu nome seria “cheia de vida”, o que descreve a Eva hessiana perfeitamente. A Eva, de Hermann Hesse, ao contrário das outras figuras femininas recatadas e puras, era uma mulher forte cheia de vida e atitudes fortes pouco comuns naquela época, e era essa força de vida emitida que atraía Emil.

A variedade linguística usada por Demian é a padrão, e as explicações de suas teorias sempre transmitem sensação de inteligência e segurança. Sua principal função no enredo é a de amigo, companheiro, mas acima de tudo um guia que ajudará o protagonista a escolher o seu próprio modelo de vida. Demian é o Daimon socrático que permite ao protagonista a conexão consigo mesmo, a voz da consciência.

Pistórius e Sinclair são reflexos biográficos do escritor. Hesse foi organista filho de teólogo e não pertencente à realidade do lar paternal no qual foi criado. Podemos perceber esse fato logo no segundo parágrafo do prólogo escrito por Sinclair:

Minha história é, no entanto, para mim, mais importante do que a de qualquer outro autor, pois é a minha própria história, e a história de um homem — não a de um personagem inventado, possível ou inexistente em qualquer outra forma, mas a de um homem real, único e vivo. (HESSE, 2017, p.9)

Demian seria um tipo de anseio para Hesse, o que ele gostaria de ter sido e o que Sinclair chegaria a ser.

Dos descendentes de Abel temos Kromer, Alfonso, Knauer e Beatrice - personagens planos e incapazes de compreender os ensinamentos de Abraxas, classificados como bípedes, peixes, porcos e sanguessugas. Ao lado de Caim temos Pistórius, Demian, Sinclair e Eva, capazes de compreender a amplitude do estigma de Caim.

A fase decadente de Sinclair começa passa a receber educação fora de casa. Em princípio mostra-se como bom rapaz até conhecer Alfonsus Beck.

Sinclair nunca gostou de fato de beber, mas sim de se sentir livre e não ter que pensar no que a bebida lhe fornecia. Preocupando os seus pais, e até mesmo ameaçado de expulsão, Sinclair continua a beber.

Em uma espécie de *flashback*, Emil lembra o encontro momentâneo que teve com Demian que o aconselhara a não desperdiçar a vida em bebidas. Sinclair ignora esse conselho, mas, no entanto, isso reflete sobre ele depois do ocorrido. Já cansado da libertinagem, conhece uma jovem bela e pura, a qual apelida de Beatrice, esclarecendo que não havia conhecido Dante naquela época.

Beatrice não intervém na obra, pois é uma personagem plana e secundária que sequer tem uma fala, embora desempenhe o papel de trazer Sinclair de volta ao bom caminho, após o desvio do jovem em sua adolescência. Ela também é o primeiro amor do jovem. Emil ao longo da narrativa admirava o olhar de Max Demian, um olhar que era capaz de falar sem palavras, que refletia parte da alma de seus dono, achado também posteriormente em Eva. Beatrice por sua vez não tem esse olhar.

O gavião desponta na obra, primeiramente, no início do segundo capítulo, quando Max declara tê-lo visto em cima da porta do jovem Emil no momento em que ia para casa. O fato de Demian ter notado tal figura já confere uma significação importante. No início, pode ser passado despercebido, no entanto o seu real valor é alcançado posteriormente, pois se torna uma segunda forma de conexão entre os dois jovens quando a ave passa a permear os sonhos do jovem Sinclair. O gavião antigamente, principalmente na Europa medieval, simbolizava distinção e nobreza,

posteriormente se tornando símbolo de liberdade. A ave é a representante do desejo de liberdade e independência.

A narrativa transcorre linear, e, ao aparecer uma ave na casa em que Sinclair morou na infância, isso mostra que, desde o princípio, o jovem era único. Inicialmente, não repara no animal, mas posteriormente o gavião reaparece mais forte e iluminado, o que nos revela o próprio desenvolvimento de Sinclair, mostrando que consegue despertar dentro de si a porção que queria liberdade, fato observável no capítulo quinto: “A ave sai do ovo”.

A ave sai do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser nascer tem que destruir um mundo. A ave voa para Deus. E o deus se chama Abraxas. (HESSE, 2017, p.106)

O bilhete recebido por Emil pode ser interpretado como um conselho no qual ele é o pássaro que deve quebrar a casca do seu mundo. O seu mundo equivale ao mundo luminoso cristão no qual foi criado onde sempre se esteve apesar de se sentir atraído pelo mundo escuro.

Ao desenrolar do livro vemos o impasse de Sinclair em atuar de maneira livre quando se vê de frente a consciência do que é bom e o que é ruim, no qual mantém-se no seu mundo do bem repleto de estereótipos, regras, normas, morais e dando importância somente ao bem. Para usufruir de sua liberdade em plena totalidade Emil deveria romper as limitações e voar como uma ave em direção a Abraxas.

A simbologia em torno de Abraxas é muito interessantes e se opõe à filosofia religiosa sincrética e dualística fundada por Maniqueu, filósofo cristão do século III, que reduz o mundo em bom, ou Deus, mau, ou o Diabo, com a matéria sendo fundamentalmente má e o espírito, inegavelmente bom. Em Abraxas, os opostos são misturados.

Abraxas é um deus que representa a maldade e a bondade, que não julga suas inclinações e aparências, mas sim que forma os seres. Voar corresponde a ser livre, ter autonomia. Desse modo, a associação à figura de Abraxas, já que a vivência deve ser interligada aos dois mundos, proporcionando ao ser humano viver em plenitude. O personagem que passa os ensinamentos de Abraxas a Emil é o enigmático Pistórius.

Já Pistórius, personagem redondo como Sinclair e Demian, é complexo e surpreende o leitor. Analisando seus pensamentos e atitudes, podemos lhe atribuir o

título de misantropo, pois não tem ódio direcionado especificamente a uma pessoa e sim à toda raça humana. Pistórius propositalmente se exilava de todos com exceção dos que conheciam Abraxas, por considerar que viviam enganados. Defendia uma nova raça, e, mais tarde, o jovem Sinclair se une e descobre que Eva e Max Demian também eram adeptos dessa ideologia. Devido ao fato de Hesse ser alemão, essa ideia de raça superior lhe concedeu o título de fascista por muitos críticos da época.

Pistörius se apresenta como um filho desgarrado dos pastores mais famosos da cidade. No entanto, havia fugido do seu caminho, sendo julgado fora de juízo. Sustentava a ideia ainda de que um homem não é um ser humano até ser capaz de se encontrar a si próprio, amar-se, aceitar-se. Não considera os seres humanos como tais, mas sim como “bípedes que andam nas ruas” e compara a maioria da sociedade a animais, classificando-os em peixes ou ovelhas, vermes ou sanguessugas, formigas ou vespas. Em outras palavras, a maioria esmagadora da sociedade não era formada por homens de verdade.

Pistörius assume uma forte influência na vida de Sinclair, que lhe proporciona o novo desafio pela busca da própria essência e o chamado a viver da maneira que a sua natureza o intimava. Representa na vida do jovem Sinclair de dezoito anos o conhecimento que o permitiu ter a confirmação de que seu destino estava ligado a Demian. Pistórius lhe ensina o que é Abraxas, mas ele mesmo não se permite renascer em um homem novo e melhor, estando destinado unicamente a ensinar.

Por palavras inadequadamente ditas por Emil, iniciou o rompimento dos laços mestre e alunos entre ambos. Distanciar-se de Pistórius no primeiro momento fez com que Sinclair se sentisse culpado por ter machucado o homem que guiou, mas logo percebeu a necessidade de se distanciar, pois precisava encontrar-se a si mesmo.

Em seus sonhos a figura de uma mulher o atraía, evocando lembranças de seu velho e conhecido amigo Max Demian. Sinclair decide percorrer o continente europeu em busca de seu antigo companheiro. Quando reencontra Demian, Sinclair nitidamente se põe feliz e, ao conhecer a mãe antes mencionada apenas como viúva fora dos padrões, às suas perguntas são respondidas. Havia encontrado a mulher de seus sonhos e destino.

Ao contrário da figura de seu filho, Eva é uma personagem estacionária construída ao redor das qualidades da amabilidade, inteligência e beleza, embora com o

estigma dos marcados. Eva não apresenta contradições. Ela participava com seu filho e Sinclair nos debates e conversas com vários outros marcados, os quais buscavam um caminho alternativo a seguir. Emil deixa ao esquecimento as lembranças de sua primeira musa inspiradora Beatrice, diva com qual nem sequer falara uma vez e apaixonou-se por Eva - esta última consciente de seu admirador e respondia afetuosamente embora não o correspondesse pois queria ser uma conquista e não um troféu. Eva transmite segurança e cordialidade, e no romance de desenvolvimento de Hesse configura parte do grupo de pessoas que buscam seu próprio caminho e mantêm uma relação boa com o protagonista.

A importância de Eva está na figura de mãe, só posteriormente passando a ter importância como mulher. A Enciclopédia Católica esclarece que a antroponímia “Eva” tem sua origem relacionada ao verbo ‘viver’. ‘Adão nomeou sua mulher Eva [*hawwah*] por ela ser a mãe de todos os viventes’

Eva é mãe do possuidor da marca de Deus. Dela tudo adveio, tanto os filhos do mal como os filhos do bem; inclusive de uma mulher veio ao mundo o próprio filho de Deus.

Eva é criticada por comer o fruto proibido e dá-lo a seu marido que os leva à expulsão do paraíso. O fruto proibido deu ao homem a capacidade de conhecer o bem e o mal. É proscrita socialmente por conta de sua vida incomum como viúva abastada, responsável por instruir o filho de modo singular nos ensinamentos de Abraxás, evocando a erudição do mesmo acerca do mundo sombrio e do luminoso desde muito pequeno. O fruto da Eva de Hesse é o conhecimento.

7. Considerações finais

A passagem de Sinclair ultrapassa os limites infância-juventude-vida adulta, por se tratar da jornada de amadurecimento da consciência e da desalienação existencial com o desígnio de ser frutífero ao mundo e à humanidade. Emil abandona o seu estado infantil e estagnado, transformando-se, emblematicamente, em um humano por completo. A genialidade hesseana está em mostrar o humanismo de Demian e de

Sinclair, justamente dispostos em seus defeitos e contradições, pois são orgulhosos e desprezam o cotidiano.

Na visão de Demian, Kromer, Alfonso e Knauer - tidos como transgressores - estavam alinhados ao senso comum. Kromer era o típico valentão, que se aproveitava dos mais fracos; Alfonso, o adolescente rebelde entregue à sexualidade e aos prazeres da carne; e Knauer, o desajustado social.

Já a transgressão de Pistórius era digna de Caim, pois se recusa a participar do rebanho, busca o seu próprio caminho da mesma forma que Eva, Max e futuramente Sinclair.

As sociedades humanas são compostas de grandes rebanhos, e é justamente contra estes que se dirigem as críticas de Hesse. O rebanho conduziu a Europa até as vias da guerra, por isso se fez necessário o renascimento de uma nova sociedade guiada pela descendência de Caim.

Os marcados de Hesse assumem papel inaugural importante, já que cabe a eles originar uma sociedade governada por novos princípios. Supõe-se que uma nova Europa e uma evoluída Alemanha deveriam surgir depois da “quebra do ovo”, a Primeira Guerra.

O romance de Hermann Hesse foi muito amado naquele período pela juventude alemã, por expressar o sentimento de muitos depois da devastação pós-guerra. Mesmo depois do embate catastrófico, os jovens buscavam a esperança em um futuro melhor. A vontade de autoaprimoramento e de autocriação configurava o anúncio da necessidade de mudança na própria Europa.

Anos depois, o ideal de uma nova e distinta sociedade foi reinterpretado de outra maneira pelos estrangeiros. Por pregar uma sociedade distinta e superior, Hesse foi entendido por anos como um apoiador das ideias que resultaram no nazismo alemão. Mesmo após o seu exílio e apoio a exilados, como Thomas Mann, continuou sendo mal visto por décadas. O Nobel de Hermann Hesse é contestado por críticos, os quais denunciam que a premiação beneficiou um alemão como tentativa de pacificar as desavenças.

Hesse, como grande observador dos acontecimentos sociais, políticos e intelectuais, não poderia se abster de escrever sobre o que acontecia à sua volta. O romance *Demian* não só explora o crescimento humano psicológico e o empreender a

investigação de si próprio, como escreve de maneira aberta as interpretações mais amplas. Para se ler *Demian* não precisamos conhecer Hermann Hesse, mas para entendermos *Demian* de maneira não redutora precisamos conhecer o seu autor.

Os personagens aparecem para guiar o jovem Emil Sinclair em seu caminho, aparecem e somem quando não se tem mais uma função utilizável para eles, sendo também os personagens secundários, que mostram ao leitor que o universo conspira a favor do destino do personagem principal.

Ao leitor são constantemente explicados os símbolos pássaro heráldico meio gavião meio fênix, o sinal de Caim, além de Eva e Abraxas. Existe uma carência mais do que profunda de uma base sólida, ou melhor, inexistente pano de fundo para as transformações íntimas de Sinclair, provavelmente devido aos que o rodeiam assumirem características de espectros com funcionalidade específicas. Os diálogos chegam a parecer falsos e duvidosos, pois, se considerarmos a faixa de idade de alguns personagens e a situação em que se encontravam, é de se descrever que semelhantes diálogos poderiam ter chegado a existir. O enredo da obra de Hesse era um grande meio para se chegar a um fim.

Demian pode ser considerado um *bildungsroman*, romance de formação não de um jovem, mas de toda uma sociedade: a Europa era a ave que, por fim, saía do ovo.

8. Referências bibliográficas

Livros

HESSE, Hermann. *Demian*. 19º ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HESSE, Hermann. *Demian*. 49º ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

HESSE, Hermann. *Minha Fé*. Rio de Janeiro - São Paulo : Record, 1971.

HESSE, Hermann. *Demian*. Rio de Janeiro : Record, 1971.

BOESCH, Bruno. *História da Literatura Alemã*. São Paulo: Editora Herder, 1967.

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: José Olympio Record, 1988.

CARPEAUX, Otto Maria. *A história concisa da literatura alemã*. 1ªed. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JENNI, Ernst & WESTERMANN, Claus (Ed.). *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

ALTER, Robert. *Anjos necessários: tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1992.

MOURA, C. A. R. de. *Nietzsche: civilização e cultura*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

KOCH, Klaus. *The rediscovery of apocalyptic*. Naperville: Alec R. Anderson, 1972.

MORRIS, Leon. *Apocalyptic*. London: Inter-Varsity Press, 1973.

COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SERRANO, Miguel. *O Círculo Hermético Hermann Hesse a C.G. Jung*. 2ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida - Edição Revisada e Corrigida, 4º ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2018.

NIETZSCHE, F. *O Caso Wagner*. Trad: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007.

Ensaio

BARROSO, Ivo. Prefácio. In: HESSE, Hermann. **Demian**: História da juventude de Emil Sinclair. Trad. Ivo Barroso. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969

SOARES, Dionísio Oliveira. *Hesíodo e Daniel: as relações entre o mito das cinco raças e o sonho da estátua de Nabucodonosor*. 2006. 201 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Sites

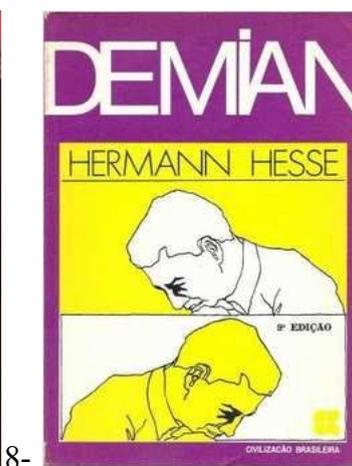
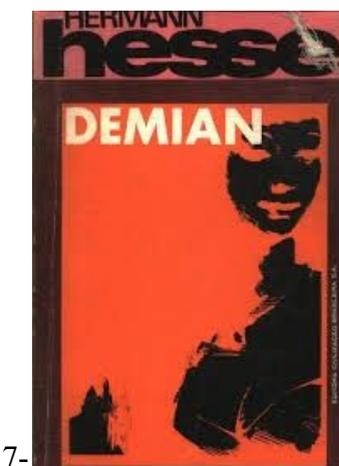
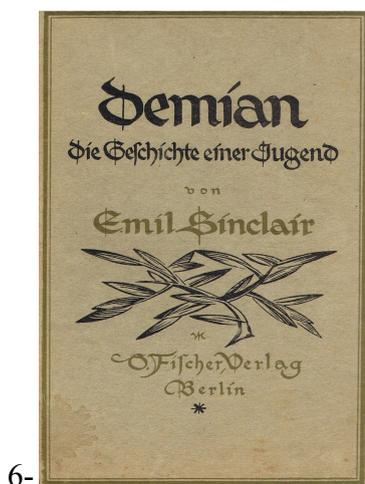
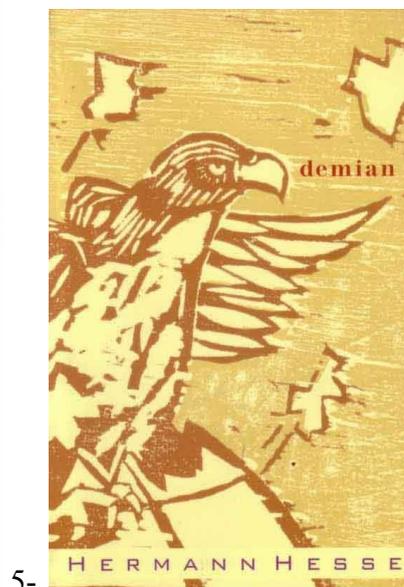
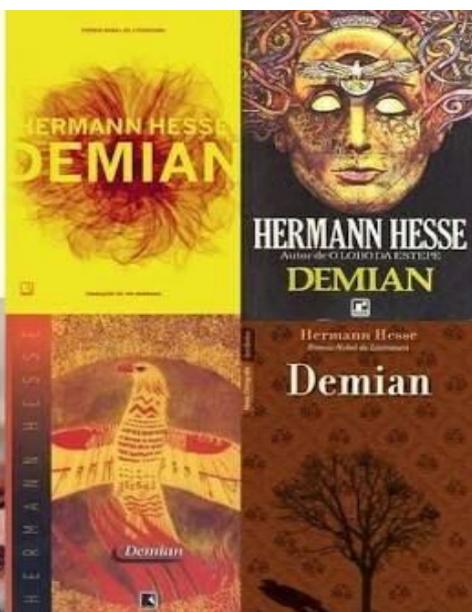
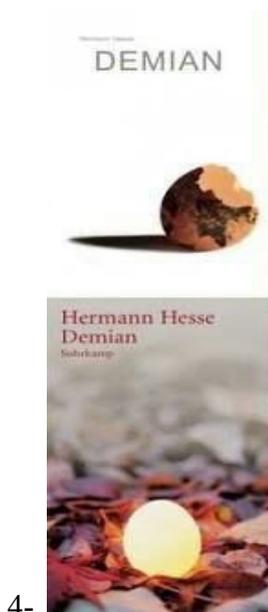
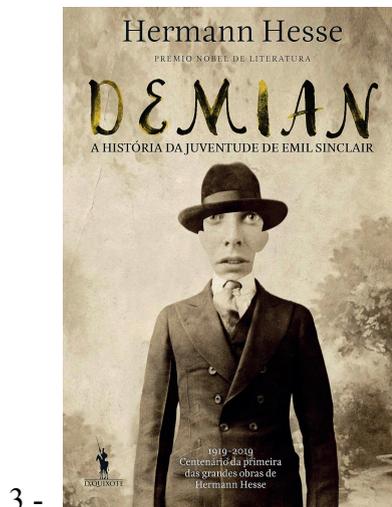
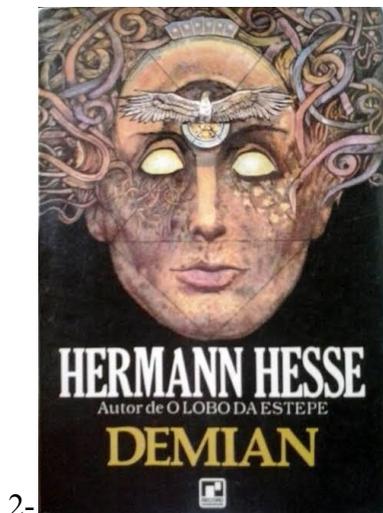
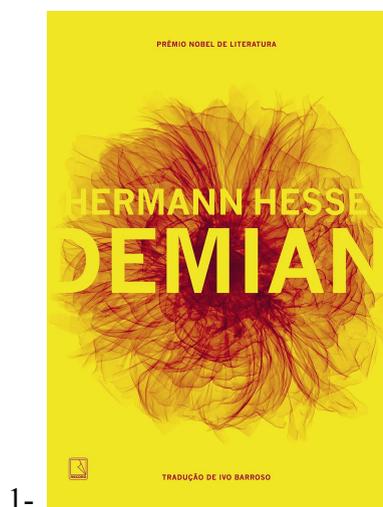
DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. Significado dos nomes.
<<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>>

BÍBLIA SAGRADA ONLINE <<https://www.bibliaon.com/>>

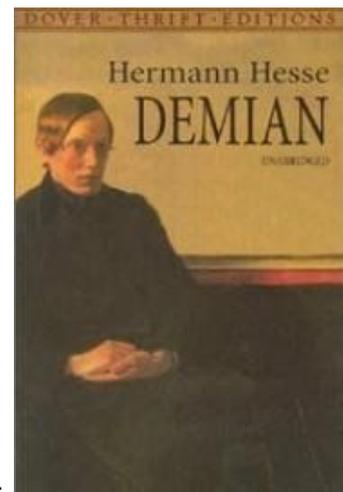
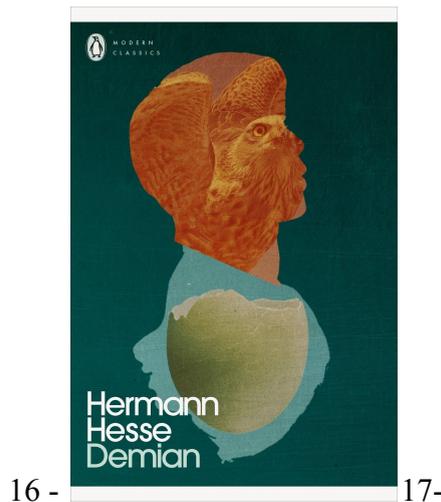
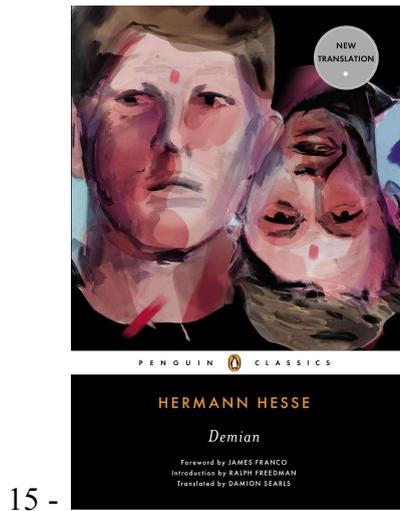
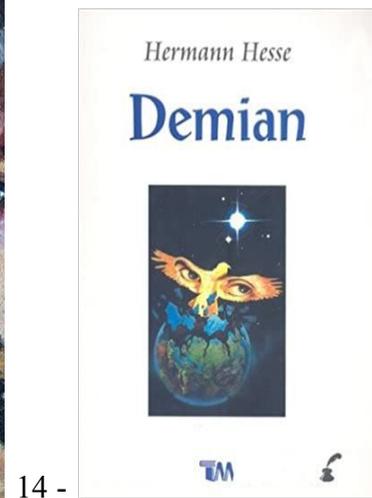
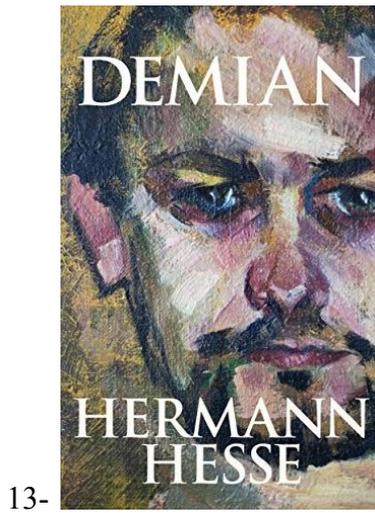
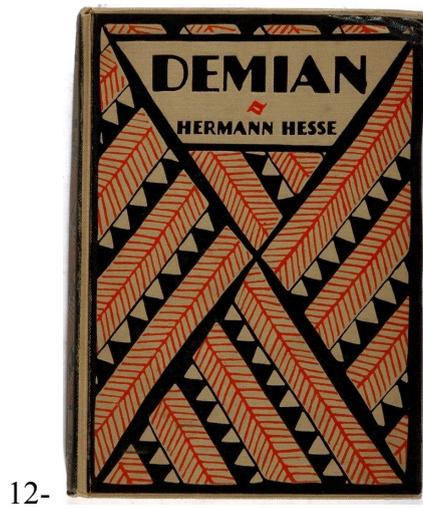
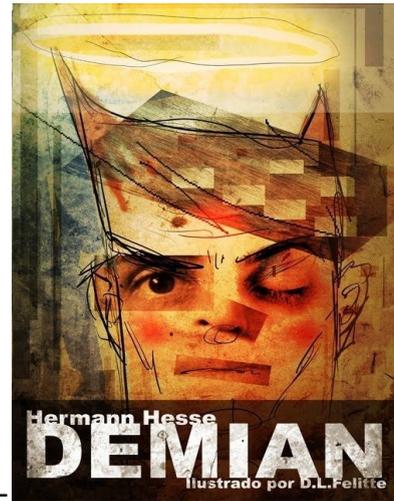
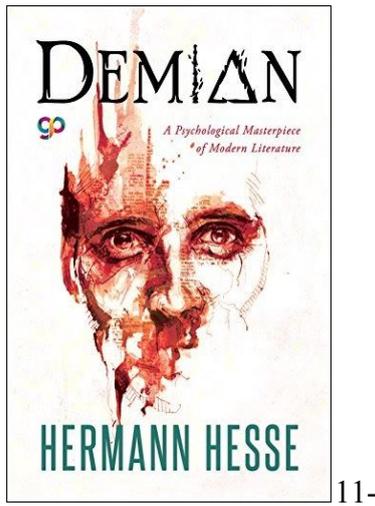
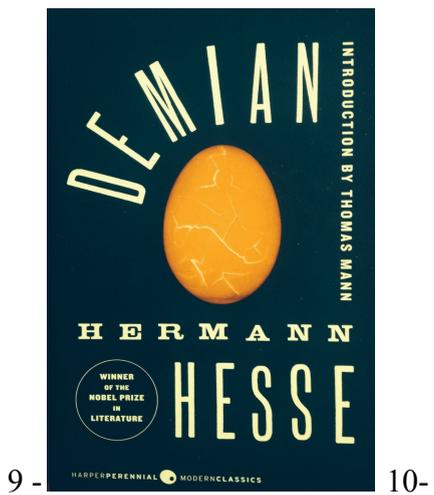
9. Anexos

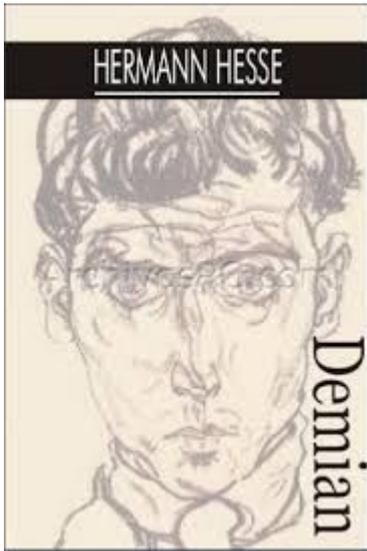
Demian foi publicado em dezenas de línguas e dialetos ao redor do mundo. Nos torna um trabalho quase impossível compilar todas as capas já existentes. Normalmente suas capas fazem referência às figuras da ave, ovo, anjos e rostos desconstruídos e ou com olhares orgulhosos, hostis e de desdém. Nota-se nas publicações recentes uma tendência a utilização de capas sem imagens ou imagens menos concretas.

Todas as imagens a seguir foram retiradas do Google Imagens⁹ com as palavras chave ‘Portata demian’ e ‘Capa demian’,



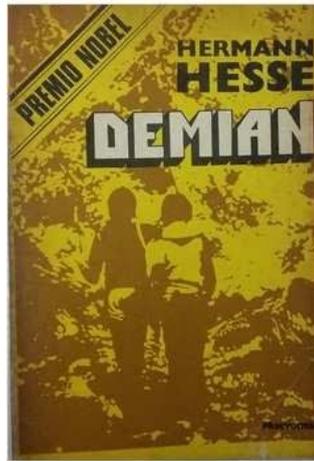
⁹ <https://www.google.com/imghp?hl=pt-BR>



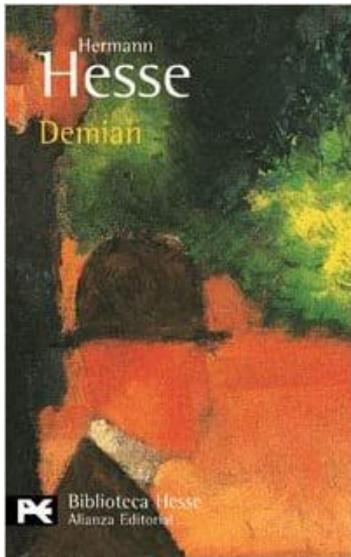
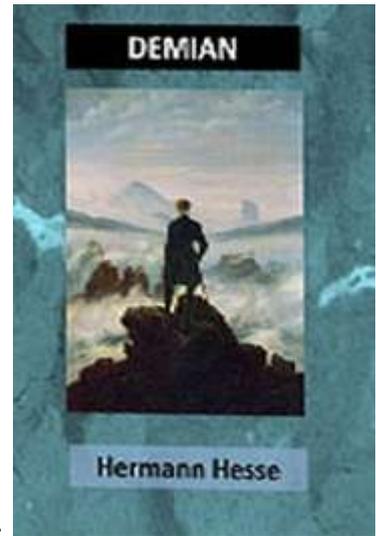


18 -

19 -

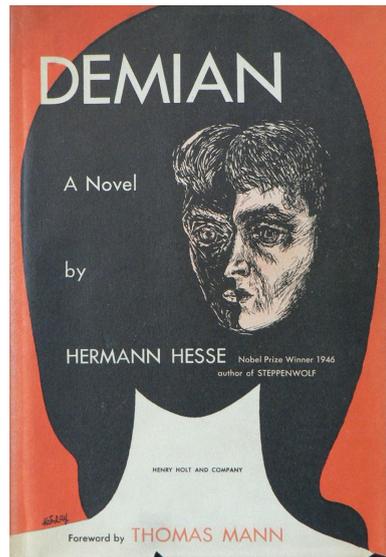


20 -

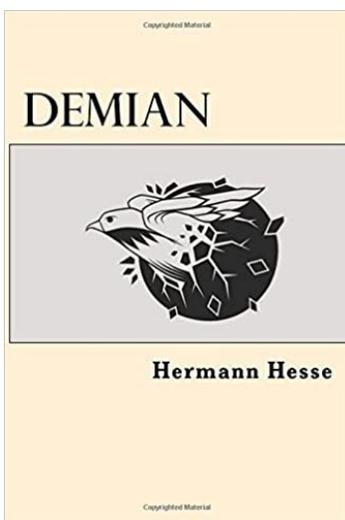
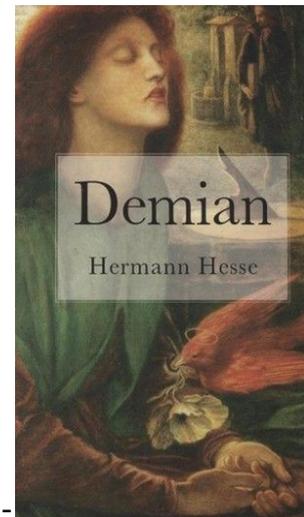


21 -

22 -

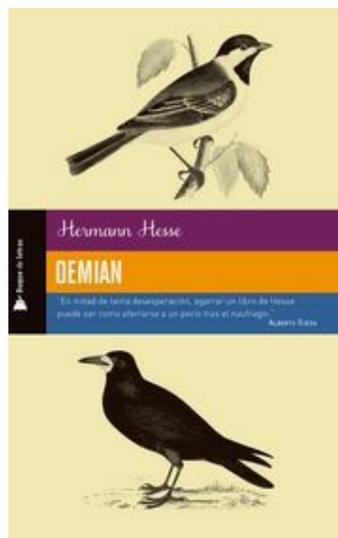


23 -

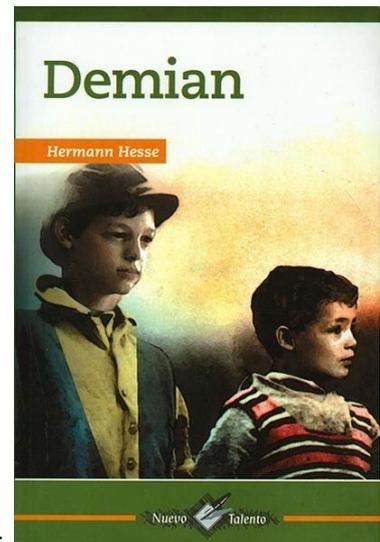


24 -

25 -



26 -

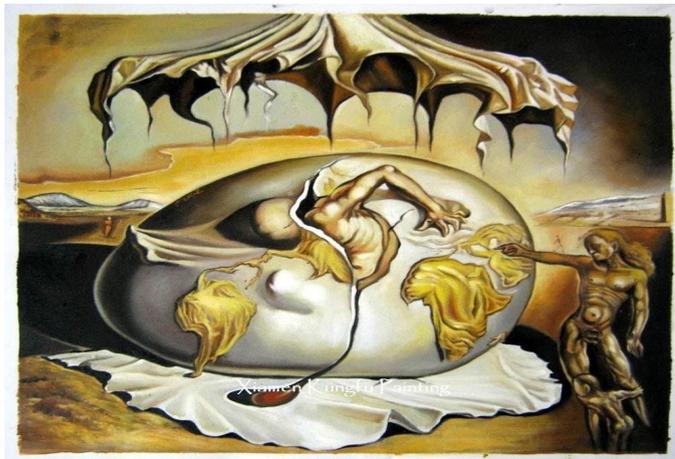


Link das imagens

1. <https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/819x+qISo4L.jpg>
2. https://miro.medium.com/max/455/0*oKmajapNnmi8de9s
3. <https://images.trustinnews.pt/uploads/sites/5/2019/10/15161876Demian.jpg>
4. https://pm1.narvii.com/6291/de368955dbb03590dbb0cfd7e2e4760dbc9a19f9_00.jpg
5. <https://i.pinimg.com/originals/8b/52/5a/8b525a669cf45559b3c4af1d486b4926.jpg>
6. <https://i1.wp.com/leiaparaviver.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Demian-1.jpg?fit=1348%2C2160>
7. <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcRa27zm7KbQhcAf4j3VKruqYORKef-Uodp8RQ&usqp=CAU>
8. https://d1pkzhm5uq4mnt.cloudfront.net/imagens/capas/_d68d575ec5f9d4707efbf97efdc32fed27216cde.jpg
9. <https://i.pinimg.com/originals/68/c3/88/68c38863ba59e4dd5ca133683c7d65ed.jpg>
10. <https://m.media-amazon.com/images/I/51LFWuo7PCL.jpg>
11. <https://i.pinimg.com/originals/a3/6c/ba/a36cba21f14776282377d010aed4ceba.jpg>
12. <https://i.pinimg.com/originals/ae/12/35/ae1235faa8570414cfd24251d374e000.jpg>
13. <https://m.media-amazon.com/images/I/51EeL5yrYGL.jpg>
14. https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/41pIZdkLjXL._SX327_BO1,204,203,200_.jpg
15. <https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/715qjk6n34L.jpg>
16. <https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/91X5KE927XL.jpg>
17. <https://media.orelhadelivro.com.br/products/demian-1419262693.184x273.jpg>
18. https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcSZ4SZO8oUvRzQLHM_65wctqyJK7v0CKW19SA&usqp=CAU
19. https://d1pkzhm5uq4mnt.cloudfront.net/imagens/capas/_d13fb87389f930380db77ab71fb3389bdf654248.jpg
20. https://portugues.free-ebooks.net/2d_covers/large/1344287819.jpg
21. https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/41VrVkruqxL._BO1,204,203,200_.jpg

22. <https://kbimages1-a.akamaihd.net/49fd9b8f-f19d-4ab0-a214-8b29be34fcdd/1200/1200/False/demian-5.jpg>
23. <https://www.lachilenalibros.cl/1598/demian.jpg>
24. https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/41C6Ym9mPSL._SX331_BO1,204,203,200_.jpg
25. <https://kbimages1-a.akamaihd.net/1bc34de0-abad-4376-869f-056c79cb8f2b/180/1000/False/demian-demian.jpg>
26. https://http2.mlstatic.com/demian-hermann-hesse-editorial-epoca-D_NQ_NP_685498-MLM26949729219_032018-F.jpg

Beatrice e a Criança geopolítica assiste ao nascimento do novo homem



Referência do quadro Beatrice:

<https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.artranked.com%2Ftopico%2FDante%2BRossetti&psig=AOvVaw3-dkIXJkoOiCJ3SIpUxuPG&ust=1592668297489000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCPiHvaiejuoCFQAAAAAdAAAAABAJ>

Referência do quadro Criança geopolítica:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/3/37/Crian%C3%A7a_geopol%C3%ADtica_observando_o_nascimento_do_homem_novo.jpg